# O INVENTÁRIO DO QUOTIDIANO

## (BREVE MEMÓRIA DA CIDADE DE FORTALEZA)

**Eduardo Campos**

# O INVENTÁRIO DO QUOTIDIANO

## (BREVE MEMÓRIA DA CIDADE DE FORTALEZA)

**Fortaleza**
**1996**

## SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA — 7

UM RETRATO FICCIONAL, MAS REAL, DA FORTALEZA DO FINAL DO SÉCULO — 9

A Cidade — 10
A Casa — 15
As Pessoas, a Fé e o Lazer — 17
Adenda — 21
A Fortaleza dos Anos Vinte — 23
Os Pioneiros da IFOCS — 25
O Ruído das Máquinas — 27
Lança-Perfume e Carburantes — 29
A Sociepade Indesejada — 31
Moda e Presença Feminina — 34
O Cinema Inspira — 37
Espírito Sindical e Greves — 46
Os Inicios Do Rádio e o Novo Jornalismo — 47
A Cidade e os Anos Trinta — 51
Aguardando o Novo Ano (1930) — 53
A Casa e Suas Coisas — 55
A Etiqueta do Nojo — 59
A Família e a Bodega — 61
Os Móveis — 63
As Flores em Vasos de Qualquer Coisa — 65
O Retrato Posado — 67
Toalhas e Colchas e Mins Coisas — 69
Pelos Anos Tinta... — 72
Doenças, Remédios e Médicos — 73

ICONOGRAFIA – 79

# JUSTIFICATIVA

*Eduardo Campos*

No percurso do discurso deste pequeno e modesto livro é evidente o resgate da memória da cidade de Fortaleza, tomada a seu passado, e, possivelmente, fugindo aos moldes tradicionais. No entanto a transcorrer na grande porção do que relata sob a perspectiva de avaliação dos sucessos, a nosso ver; que anteciparam a sua evolução civilizatória algo que se o leitor preferir significará o *arranque* em direção ao futuro, o que deparamos por agora.

No limiar; curiosas as observações do romancista Oliveira Paiva em incisivo e exato texto a reconstituir a situação urbanística e o próprio quotidiano das gentes que nos antecederam.

Em seguida o leitor; debaixo da óptica de observadores e notícias, e anúncios, publicados aos jornais, terá a continuação daqueles dias, os que, em parte, precederam as nossas convicções de atualização (admitamos assim) em face da inestimável contribuição representada pelo ainda não reavaliado, cabalmente, trabalho pioneiro da IFOCS no Nordeste, e particularmente no Ceará.

Na terceira parte, ousei tomar a mim a responsabilidade pelas observações prestadas, ameno depoimento, creio, através de crônicas que ao longo dos últimos anos tenho escrito relembrando a Fortaleza dos anos trinta, deliciosanente entranhada de seus sentimentos sertanejos, e que toma cada habitante, ainda hoje, um ser instintivamente de mão estendida a saber se vai chover ou não...

Mais não acrescento aqui, que, o que se deseja breve, breve há de ser.

## UM RETRATO FICCIONAL, MAS REAL, DA FORTALEZA DO FINAL DO SÉCULO

No romance **A Afilhada***, que Manoel de Oliveira Paiva publicou em vida, em Fortaleza, pelas páginas do jornal **O Libertador**, no ano de 1889, deixa a impressão de manejar um livro concebido por volta de 1880. E que em tão agradável volume não estão inseridas apenas as venturas de Maria das Dores e as desventuras de Antônia, a afilhada, mas a valiosa memória de como eram as pessoas, hábitos e costumes, e de como perseverava a cidade de Fortaleza no percurso do último quartel do século.

O romance de Manoel Oliveira Paiva, pelos indicativos que apresenta de ruas e praças nomeadas, pelas manifestações de religiosidade e lazer da comunidade provinciana, sugere a vivência de sua cidade pelos anos vizinhos a 1870. Em alguns momentos o romance harmoniza-se com a fase de valorização da urbe (coincidente com a dos anos oitenta) em que se deram efetivas melhorias arquitetônicas e de serviços, como possível presumir do que relata Lucas, um de seus personagens: "Além do calçamento, do encanamento de água, de iluminação a gás – contava nos dedos –, do Palácio da Assembléia, de um novo sistema de carroças, das casas pela marca da Câmara, temos pianos em todas as salas, a instrução do belo sexo." (o.c., p. 36).

Mas o romance, no entanto, faz o leitor andar por uma cidade real e não ficcional.

O autor sabe como poucos esculpir feições e vezos de pessoas que parecem existir na verdade, e aí então, de exemplo, as mulheres

* Editora Anhambi S.A., São Paulo, 1961.

que se enfeitam com “pente de tartaruga”, rosário de vidro”, “Verônica de ouro”, “afogadilho de seda preta”, “xale trespassado” etc., etc.

E os cavalheiros, pode-se imaginar; pimpões, a exibir chapéu de palhinha, “terno de casimira cor-de-rosa”, “sobrecasaca”, “botinas de cordovão”, e até os mais apresentados a tirar cheiro à “boceta de rapé, de grossa prata esculpida...

Depara-se em **A Afilhada** uma Fortaleza oceânica figurada pelo romancista, muito preocupada a ver e sentir o mar; cidade religiosa, bastantemente temente a Deus pelos idos em que homens e mulheres param na rua, obedientes, e se ajoelham contritos à passagem do Santíssimo.

E em dias outros, aduza-se, de muito respeito cristão por ocasião das procissões como a do Enterro, solenizada à noite e seguida de pregação quase sempre em tom dramático como se bom teatro fosse; o sudário alevantado na direção dos fiéis, até mesmo dos mais distantes na nave, o tecido tintado com as cores do sangue e do sofrimento...

Impõe-se ler **A Afilhada** não apenas pela urdidura da trama, por seu amadurecido e limpo discurso de autor que sabe manejar as palavras, definições e emoções; mas sobretudo, como se verá por diante, pela descrição de como eram cidade e gentes pelo último quartel do século passado.

## A Cidade

Em Meireles ainda demoram uns bons sítios de recreio, onde não faltam cajus aos derradeiros meses do ano, a ponto de ir-se até ali, para banho de mar; em dias havidos bons para a saúde, os do

“tempo de caju”. Mulher “vestia a camisola de banho” e depois de gozar as delicias da água, punha-se a andar descalça, “chinelo na mão” (...) “até pertinho do Mucuripe...” (p. 16).

Quem subia dali, como a Maria das Dores, acompanhada de seu genitor; tomava lugar em coche puxado por boa parelha, o carro rolando fácil nas “areias batidas pelo mar”. (p. 22). À frente havia o trapiche por onde se processava o recebimento e embarque, o carro podendo trafegar por baixo ou seguir ao largo. Nesse caso, como se descreve, o cocheiro preferiu a segunda opção, e o veiculo “fez-se logo para a Alfândega, conquanto houvesse de vencer um pedaço de areia frouxa...” (p. 23).

O condutor decidia desse modo porque àquela hora transcorria intensa a descarga e o despacho de mercadorias. Tudo debaixo desse propósito, que o dia estava animado e propicio ao carro, correndo mais rápido até alcançar; como de fato ocorreu, o calçamento da Alfândega.

E em seguida a Rua do Chafariz, por onde assoalhava um piso de pedra tosca “‘coberto de capim e de terra molhada”... Já aí mais intenso o movimento, o “atropelo de carroças que desciam pejadas de fardos de algodão, de couros, de sacas de café...” (p. 25).

O percurso demorava até contornar a antiga Alfândega, quando então o coche podia tomar – o que na verdade fez – a Rua de Baixo, o melhor caminho então existente para quem, descendo da cidade, em mão contrária, ia ao Meireles.

Subindo a rua via-se logo a “corporatura cinzenta da fortaleza à direita, com os seus antigos canhões negros, e a alegre fachada do quartel dominando uma eminência relvada onde pastavam animais.”(idem).

Quem subia desse modo pela Rua de Baixo alcançava a Praça da Sé.

Nesse dia, e nessa hora, o carro foi obrigado a parar. É que da Catedral estava saindo o Santíssimo em direção ao Outeiro. A praça, por então, tinha a freqüência de "gente pobre" que à falta do que fazer; más não à falta de fé, passeava "pelo patamar".

Maria das Dores e o seu genitor; como os demais transeuntes que acabavam de ali chegar; caíram de joelhos em respeito ao Vi ático. Do ponto em que estacionavam os dois, podiam ver por exemplo a "torre amarela do Rosário", a "platibanda enegrecida da Assembléia" e o "cimo das árvores da Feira", perto. A mexer de pescoço, via-se também o casarão do mercado público "com suas paredes de sangue de boi", enquanto pairava no ar; não só no ar mas em tudo, o "odor de aguardente da destilação próxima, de par com o assobio da máquina a vapor", que rugia funcionando. (pp. 26, 28).

Pela frente da Catedral e Matriz estendia-se a Rua das Flores. E por trás crescia a ladeira da Conceição, a encurtar caminho de quem se deslocava em direção ao Outeiro, o que fazia sem a necessidade de "arrodear pela praia", providência que a todos parecia alongar o caminho.

Também aí, pelo lado sul, nascia a ladeira Apertada Hora, caminho de "pó escuro", lugar exatamente no ponto onde vinha morrer; descambando, "o aclive da esplanada do Outeiro." (p. 192).

Da Rua de Baixo (depois batizada por Rua da Ponte) podia quem por ali andasse enfiar "pela comprida ladeira do Outeiro dos Educandos", pois por diante funcionava o Colégio dos Educandos, cujo muro – a palavra é do escritor-apontava, branco.

“Aí o matapasto...”

E casinhas e mais casinhas vestidas de “amarelo do ocre” ou tintadas de “escuro roxo-terra”, ou ainda simplesmente alvas de cal.

“Um proprietário mais poderoso sungava a frente dos vinte e dois palmos da marca da Câmara, e deixava o resto em meia-água.” Cresciam “soutos de pau-ferro”, abundavam os “jurebais” e não faltavam por ali umas tantas capoeiras “de antigos roçados” com as suas “cercas de faxinas, as caiçaras, onde o melão trepava.

Para a frente o empedramento da rua “morria na estrada de areia, artéria dos roceiros da Aldeota e do Rio Cocó, por cerca de duas léguas ao sudoeste.” ( pp. 61, 62).

Pelas imediações da dita ladeira (do Outeiro) estava o sítio do Bispo, e mais quintais, e mais chácaras, nas quais em dias de queimação de Judas, corria “um troço em grupos, de calça arregaçada, facão em punho e chapéu nos olhos” a promover pandegas que acabavam em “conluio de gente de gravata limpa, disfarçada em canalha.” (pp. 190, 191).

Pelo outro lado, o oposto, quem seguia podia alcançar o Campo da Amélia, que na verdade era “a continuação da chapada em que assenta meia Fortaleza”, e de onde se via o mar aparecendo em “guardapiso ao rés do chão.” (...) “Na face poente, o Cemitério Velho...” (...) “Ao longe, no verde, o Cemitério Novo, com ar de chácara.” (p. 196).

Nesse dito campo “manobravam nos dias de gala as espaventosas paradas da guarda nacional...” (...) “Ao pé das casuarinas afastadas do Cemitério de São Caetano, deslumbrava a alvura do Morro do Croatá, uma duna que estava a engolir aquele

abandonado jazigo dos mortos há trinta anos. O cemitério protestante confundia-se no cimo das cases de palha, onde fervilhavam rumores de samba e uma fogueira no terreiro."

Se havia luar; a iluminação a gás não funcionaya, conta o escritor:

> "Estavam apagando o gás, porque era hora da lua sair. O empregado, encostando o topo da escada na cruzeta de cada combustor subia ligeiro, e com o rosto junto ao bojo de vidro que lhe iluminava o boné de galão encarnado, torcia a torneira, e a sombra caia repentinamente. Os dois cordões paralelos de iluminação iam perdendo foco, por foco, e o escuro ia vagarosamente engolindo o claro." (...) "Pela calçada oriental da praça, onde despejavam lojas de molhados unidinhas umas nas outras, os passantes pela mor parte homens sem paletó; e a mulheres de chinelo e chale trespassado, criados de compras etc., davam vida à paisagem noturna..." (p. 145).

O Passeio Público "tinha-se reformado um bocadinho", c que de fato sucedera em dezembro de 1879, ensejando a presença de pessoas ávidas de entretenimentos.

Mas nenhum desses locais roubara a importância da Feira Nova (que assim se chamou antes a Praça do Ferreira) por então "fechada dos quatro lados por causa do comercio ,sem pre de ar refrescado com o vento correndo agitado pelas "folhas da alta, frondosa e clara arborização." (–..) "Ao longo da Rua da Palma (Florian~ Peixoto atual) os meninos se divertiam pelas calçadas, por onde passava também o "homem do ganho", "meio ébrio", a carregar "uma biquara ou pedaços de miúdos pendurados no dedo."

Mendigos se ajuntavam, à féria; não só esses, mas animais, e gente que ocasionalmente podia demorar mas sempre se anima-

va a passar cruzando a praça em diagonal “para abreviar o caminho.” Ao “pé dos troncos” das árvores “alternavam-se os feixes de capim.” No centro triunfava “o chafariz da Walter Company” (...) “Um quiosque de ferro miudinho e bem acabado. Adiante, mais animais parados, alguns “presos pelo cabresto aos frades de pedra no perímetro.”

## A Casa

Em casa de pessoas abastadas avançava-se direto para a sala de visita. Aí, à noite, perseverava aceso o gás, a iluminar qual na residência dos Góis de Oliveira, pais de Maria das Dores e padrinhos de Antônia, onde os retratos do casal em posição inclinada, acima do sofá, estavam guarnecidos por “grandes molduras; e bolsas de terçal verde”, neles postas, e que “caiam de cada quadro, nos ângulos superiores como duas melenas...” E nas paredes, contrastando as asseadas “bandeirolas e as portas, muito alvinhas...” (p. 32).

Quem entrava na casa prosseguia pisando o “assoalho com a sua alternativa aurinegra de tábuas de cetim”. (idem) Do tecto pendiam os pingentes “do candelabro que descia do florão do estuque.” (...) “Encaixilhados em jacarandá subiam dois espelhos rente à parede.”

Ao centro, não de raro como na casa dos Góis, em cima de mesa e nesse caso octogonal o móvel, a receber a luz cheia dos bicos de gás... – repousava a “corbelha de cartões”, o álbum de retratos e um ou outro retrato de pessoa da família, metido em “quadrozinho de metal.” (p. 33).

Quem percorria a casa, indo pelo corredor acabava por defrontar a intimidade larga e generosa da sala de jantar.

Aí, centrada, vistosa mesa a exibir “o seu verniz de sândalo, a coberta de linho com estrias vermelhas, repuxada para uma das cabeceiras, ao lento esvoaçar” de moscas.

Ao lado, imponente, “envidraçado e alto guarda-louça.”

Sobre a mesa um bule de prata e bolos, quitutes da hospitalidade: “pão-de-ló, vários queijos, torradas, carnes frias, pastéis” e mais a manteigueira, o açucareiro e a fruteira de centro, de grande valor (pp. 65, 66).

Tanto da sala de visita como da saia de jantar podia-se chegar à varanda. Nesse espaço em jarros de terracota, assentes no peitoril do alpendre”, que se seguia à saia de jantar, “reverdeciam uns pés de alecrim, de cravos, de junquilho, de rosamenina; e numa corda armada entre a coluna da varanda, que se seguia à puxada da cozinha, pendia uma vistosa toalha de mesa, franjada, com manchas de café e de vinho.” (...) “Das bandeirolas, pendiam duas gaiolas de fio de ferro, com casais de canários belgas...” (pp. 65, 66, 67)

Em residências de pessoas desse nível como ora referido destacado o gabinete destinado a trabalhos de escritório e conversas reservadas. Nesse caso tratava-se de “pequena peça” descreve-a Oliveira Paiva – “forrada de papel cor de tabaco, imitando certas fazendas de seda, com uma janela e rótula e vidraças para a rua. Aos pés da escrivaninha deitava-se um couro de canguçu sob as pernas dianteiras da cadeira de braço, que girava como os tamboretes de piano. A estante subia, parede acima, da casimira verde que formava como um gramado no tabuleiro da mesa”, e a pasta”, à vista de todos, se abria “em ostra”. (p.55).

Depois do corpo da casa surgia o quintal onde o chão era seco, entulhado para o pé do muro ao fundo”, e no canto do gali-

nheiro, por fora, entre brechas de um montão de caliça antiga, nasciam urtigas e canapuns, entresachados por urna primavera" (p. 52). Não faltavam pelos quintais, não só nos daquela casa mas de quase todas, à época, as goiabeiras, os tamarindos, as pitangueiras, pés de jasmim e as carrapateiras invasoras.

Podia-se ver pelo espaço saturado de sol e de sombras das árvores as "frangas na casquilha companhia do galo pimpão." Vistosas as galinhas poedeiras que, como as demais aves, iam beber "no caco do pote, sob a proteção da gravioleira." (...)'A um canto" concertava-se um tumulto "pela descoberta de uma cobra de duas cabeças" que os frangotes queriam papar. (p. 105) O banheiro ficava fora da casa, mais afastado.

Para seu desfrute pessoal, por exemplo, a afilhada (Antônia) ia até lá pisando nos tamancos, passeando entre bananeiras que não faltavam à com posição botânica dessa pequena paisagem, "com ú toalha dourada dos cabelos soltos sobre a toalha felpuda que lhe abarcava as espáduas. Tinha mais pejo que dantes"– vai narrando Oliveira Paiva – "Aconteceu, alguns meses atrás, vir ao banho, de saia e cabeção, a toalha mal protegendo o colo..." (p. 107).

Em casas de pessoas pobres faltavam até mesmo os moveis essenciais. Uma corda estendida, em ângulo de paredes do quarto, supria a ausência de um móvel de guardar indumentos. E pelo mais, que era o espaço sempre esguio e abafado, "as redes amarelecidas, entrouxadas entre os cordões do punho", penduravam-se aos armadores. "Velinhas de vintém, pregadas no tempo das malas" serviam para de noite clarear as camarinhas. (p. 59).

## As Pessoas, a Fé e o Lazer

Não de raro criatura como Lucas, de "guarda-sol aberto e de opa encarnada" peregrinando pelas ruas a pedir:

*“Para o azeite do Santíssimo!* “(p. 178).

Era mais um andador, pedinte de igreja, a caminhar ‘de porta em porta.

“Tocou o meio-dia, e soaram sinais por defunto no sino da Praínha.” (p. 180). Anunciavam o enterro da desventurada Antônia, a afilhada. O caixão ia carregado por “quatro” homens de boné, jaqueta e calças de lustrim, com um rico talabarte onde enfiavam as pontas dos varais que o suportavam. Eça agaloada, “tochas em quatro castiçais negros.” Esperando o corpo “um rapazinho de paletó de alpaca, alçando uma haste negra e alta, e encimada por uma aparência de guarda-sol, de veludo preto com franjas de retrós amarelo.’ Antes do sepultamento (em se tratando de um pobre, como vai contado no romance) todo um longo e respeitoso cerimonial de durar a noite inteira, a chamada “noite de quarto” bem a vezo das pessoas humildes. Recitado nessa ocasião o “Meu Senhor e Amado”.

Quem se acercava da falecida, fazia como a Benedita: deixava “o chinelo na porta, em mostra de respeito.” E vinha o serviço da noite, café e cachaça. “Deprecatórias a Santa Barbara e a São Jerônimo” (...) “Palhas bentas do Domingo de Ramos no braseiro de alfazema.” E que ninguém esqueces-se de rezar “o Magnificat por mó raios e coriscos.” (pp. 170, 174, 176, 180).

Nessa moldura de emoções humanas, principalmente à hora de infortúnios, a presença dos mais pobres. “Rara uma pessoa branca”, narra Oliveira Paiva (p. 165), como por ocasião dos atos da Semana Santa, na multidão reunida à porta da Sé (a Catedral). Ali era de chamar a atenção o “povaréu pedindo esmola para o jejum de hoje.” (idem). Os sons da miséria triplicados na oralidade do peditório de esmolas.

Tudo silenciosamente aquietado no interior da igreja. Total "ausência de sinos, cometas, de chocalhos nas cavalgaduras, de toques de piano..." (idem).

Na porta da Sé, dependurado em caimento lúgubre, um pano enorme, de casimira cor da opa do Santíssimo, com um sagrado emblema cosicado no meio, velava a entrada principal" (p.150).

À frente, ao saimento (a procissão era noturna) uma "cruz negra" (...)"com a nívea toalha que cingia os rins" do Senhor Morto. Pelas coxias "duas intérminas fieiras de irmandades, de vela acesa." (p. 190).

"Os meninos da Verônica espilongavam o seu tiple ao ruído seco e horripilante da matraca, e três meninos mais, também metidos em filós negros" representavam as "santas mulheres". (idem).

Ao outro dia, mais cheia do que antes a catedral.

"À porta, do lado exterior; o Bispo diocesano com os padres paramentados, autoridades etc., proferia a bênção do Fogo novo, em que se acendia enorme círio pascal, conduzido por um seminarista." Mais pobres, mais mendigos, mais multidão comprimida diante do templo, clamando:

*"– Uma esmola pelo amor de Deus."* (p. 192).

Passada essa quadra de guarda e silêncios, a cidade se reanima. A noite a sociedade demonstra que sabe apreciar as *festas*, os bailes, e desses até aqueles encomendados, de marca nitidamente política.

Os bailes sociais são de verdade mais bem cuidados e contam com o sereno que se anima – fácil de entender – a entusiasmo dos músicos que tocam seus instrumentos diante do clube.

Conta Oliveira Paiva: “No meio da rua estavam ainda os bancos da fanfarra que havia anunciado, com trechos de marcha grave, a entrada das senhoras. Nos salões térreos ( dó clube) estalavam maciamente, elasticamente, as balas de bilhar; estouravam as bebidas.” (p. 151).

As famílias, quando saíam dos bailes, “embrulhavam-se nos manteletes de lã, e rapazes temendo os resfriados punham o lenço abafando a garganta.”(...) ‘A seges não eram muitas. Pela maior parte os convidados iam a pé para casa.”(p. 151).

Dessa forma, com uma riqueza de detalhes em que prevalece a valiosa apreensão de atento observador; emerge uma urbe – que é a cidade de Fortaleza pelo último quartel do século marcada, e muito, por pobreza conformada (e disciplinada), em perseverante exercício de fé, a quase dizer medievalesco, sob a vigência de rico folclore em que se lembra a existência dos congos, do bumba-meu-boi, do circo de cavalinhos, de fandangos e até cenas malcriadas quais a da serração dos velhos, não esquecida a desabrida manifestação canalhada, de rua, por ocasião da queimação do Judas, no sábado de Aleluia, a que não faltava nem mesmo a impiedade humana aos debiques perversos insertos de modo inocente o relatório do testamento da diversão.

O povo, desvalido e crédulo dessa cidade nitidamente provincial, jamais se vê ausente às descrições de Oliveira Paiva, sempre ai figurados a aguardar soluções divinas para os seus problemas, que na verdade se geram do desequilíbrio social em que vivem, a agradecer as poucas graças merecidas, situações por esse tempo difíceis de explicar e que concorrem para aumentar o “armário dos milagres” da capelinha do Colégio das Irmãs de Caridade, onde desfilam exibidos as “pernas de elefantíase, dependuradas, mãos inchadas e em pústulas, braços cortados, cabeças de crânio roído, ou de boca torta, ou nariz canceroso...” (p. 63).

E os esquecidos dos bons fados mas crédulos de possíveis milagres percorrem a sala de encenação figurativa a contemplar as paredes em que se pregam os medonhos quadros do "Juízo Final", da "Boa Morte" e da "horrenda Morte do Pecador." Se outros méritos não ostentasse A Afilhada bastaria essa preocupação do escritor, que a concebeu, de olhar e ver com propriedade e inteligência, para impor-nos uma obra de inestimável valor documental.

## Adenda

Legítima a tentação de ler **A Afilhada** tomando conhecimento da publicação do livro em folhetim, o que ocorre em 1889, e elege esse ano por data provável de sua publicação.

No entanto pondo-se tal circunstancia sob análise, como se verá por diante, é possível imaginar o romance escrito na década de 1890-89, a toda certeza, considerando-se o modo de viver das pessoas em Fortaleza de anos mais recuados, não obstante alguns referenciais – qual o da reforma do Passeio do Público e utilização do novo sistema de carroças (bondes puxados a burros) – alinhem-se, consentâneos com a década acima mencionada.

Ao soar os últimos anos de 1880 a nomenclatura das vias públicas de Fortaleza já experimentara importantes alterações.

Desse modo, pelo menos em 1886, a Rua da Amélia bastantemente referida na obra, já se transformara em Rua Major Facundo. E a Feira Nova, logradouro, passara a se denominar Praça do Ferreira, assim como a Rua de Baixo, que subia da praia para o largo da Sé, de 1888 a 1892 – tomo de empréstimo a João Nogueira a informação – ostentava o nome de Conde D'Eu.

Pela notícia dos atos religiosos da Semana Santa, divulgados ao jornal **O Libertador**, edição do dia 13 de abril de 1886, observe-se como se designavam por então algumas ruas e praças da urbe. A exemplo: a Procissão dos Passos, a desfilar na sexta-feira dia 16 daquele ano, saindo da Santa Casa de Santa de Misericórdia pelas 4,1/2 da tarde, cumpria o seguinte percurso: "Praça dos Mártires, Ruas *Major Facundo*, (gnfamos) Municipal, Formosa, Trincheiras, *Praça do Ferreira* (grifamos), Praça do Palácio, Rua da Assembléia, e *Conde d'Eu* (grifamos), a recolher-se."

Por esse tempo ainda se faziam procissões noturnas, pois "pelas sete horas da noite" acontecia o saimento da "Procissão do Depósito", que partindo da Sé para a "Capela da Santa Casa de Misericórdia", conduzia a "Venerável Imagem do Senhor Morto".

Por outra notícia estampada também em **O Liberta**dor, na qual nos arrimamos, não está mencionado o horário da Procissão do Enterro, que tendo inicio na Sé, percorria as ruas das Flores, Formosa, Assembléia e Conde d'Eu, até recolher.

Na proximidade desse registro vale transcrever, como anunciado no dito jornal, a relação dos atos religiosos e os sermonistas, oradores respeitáveis pelo grande público:

Pregadores:

Encontro: *Cônego João Paulo Barbosa*
Calvário: *Padre Belarmino José de Sousa*
Paixão: *Padre Leopoldo Feitosa*
Lágrimas: *Padre Belarmino José de Sousa*
Coroação da Virgem: *Padre José Cândido de Queiroz*
Ressurreição: *Padre Luiz Bezerra da Rocha.*

A vida comercial prosperava bastante exigente quanto ao trabalho executado pelos empregados de balcão, notadamente os caixeiros. Mas em 1884 a administração municipal acudia dando um basta a exageros. Desse modo o fiscal Nabor; com energia ia às páginas dos jornais, como aconteceu nas da Constituição, dar por proibido "ter (o comerciante) aberto qualquer estabelecimento comercial depois das 9 horas da noite..." (13.01).

Costa & Leite, cabeleireiros ("200 réis pelo feitio de uma barba – 300 réis por uma lavagem de cabeça para evitar caspas e amaciar o cabelo" – atendiam os seus clientes das **"6 horas da manhã às 8 horas da noite**."

São dados, ainda que mínimos, mas indicativos de o comportamento tanto religioso como social e comercial da cidade aproveitar tanto os horários do dia como da noite, procedimento no que tange ao comércio bastantemente utilizado pelos conterrâneos de Oliveira Paiva, quando este, sem a tanto pretender traçava o melhor perfil da sua cidade ao esmorecer do último quartel de século.

## A Fortaleza dos Anos Vinte

### *Antecedentes e Percurso*

Não rara a observação sobremodo pertinente – como a perfilhou o historiador Raimundo Girão –, de que os anos vinte deste século foram momento bastante significativo ao desenvolvimento econômico, político e social do Ceará. A esse período atribuível o despertar da conscientização da sociedade, à frente o próprio contexto administrativo quanto às reais condições desenvolvimentistas do Estado, não percebidas naturalmente sob a óptica atual, que, para melhor compreensão do tema ora propos-

to, impõe-se entender o progresso então verificado, a presidir às ocorrências nem sempre comparáveis às mutações em curso, em igual período, no sul do País.

Em verdade será necessário analisar e avaliar os muitos acontecimentos que no Ceará, ao que nos interessa por hora, marcaram o "arranque" dos fatores, e foram os mais diversos, que não tardariam a se destacar na moldura de convivência da sociedade pelas múltiplas diferenças suscitadas, e positivos resultados obtidos.

Em rigor verificar-se-ia a ocorrente oxigenação de novas idéias e propostas de trabalho, possível (e até verdadeira) apreensão de processos mais atualizados dos meios de produção, toda uma nova infra-estrutura acudida pelo discurso então ofertado pelos que se dispunham a empreender animados por novos propósitos científicos e dispostos a contribuir para a melhoria das condições de sobrevivência das populações tradicionalmente vexadas pelos problemas oriundos da instabilidade clímica e percebível desídia (essa mais por despreparo da autoridade constituída), fato que sucede não só na década de vinte, mas a antecede, com as mesmas características e de forma às vezes mais aguda.

Fundamental o se fazer a retroação de alguns anos para esta nossa tentativa de explicar os dias que se iniciam ao calendário, pelo limiar de 1920, a transcorrer instigando a compreensão das pessoas – a influência, por exemplo, de hábitos e costumes já agora desafiados ao apelo de visíveis alterações, e, de um maneira ou de outra – que se pôde entender por forma gradual ou decisiva – transmitidos pela precária mídia da época, cujo suporte major está entregue aos jornais e ao cinema que vai adicionando a essa sociedade, em vias de experimentar fundas transformações, estilo mais ousado de viver; cujo ingrediente principal, ouso definir, é a moda com sua extraordinária capacidade de submeter as criaturas.

Nesse contexto vem a cidade de Fortaleza à consideração, debaixo de circunstancias que se inauguram, marcando as pessoas (nem todas apercebidas das mutações vigorantes) no próprio teatro vivencial em que se inserem.

## Os Pioneiros da IFOCS

A caminho dos sertões passam pela Capital os mentores de aperfeiçoada atualização técnica e científica, na efetivação também de um fluxo de idéias e conceitos que, a toda certeza, se iniciam nas atividades da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), estágio primeiro de grandes obras que vão contar com a participação de expressivo elenco de técnicos, muitos desses trazidos do exterior; profissionais competentes que acabarão concorrendo para estabelecer os parâmetros da grande "arrancada" da comunidade, que persegue um estudo responsável da região, em beneficio de sua comunidade nem sempre apreendida para os problemas que enfrenta.

Raimundo Girão, a propósito do impulso motivador deflagrado pelas obras contra o mal das secas do Nordeste, como refere, aduz: "Pode-se censurar a desconexão entre o volume dos dinheiros gastos e os efeitos obtidos, o que iria à conta do espírito de peculato e de gana dos proventos ilícitos em empresas desta sorte, mas é irrecusável que horizontes diferentes se descortinaram ao homem e às coisas, gerando modificações essenciais." Adiante e no mesmo lugar: "Da praia às caatingas mais ínvias, ocupando os rochedos, derramaram-se quais bandeirantes de nova laia, os funcionários oficiais, conduzindo, sem o perceberem o progresso, que deixando pregado no chão com as piquetas marcadoras das suas visadas geodésicas..." (...) "Andaram por todos os lugares, pelas grotas e pelas rechãs, os chefes, os engenheiros, os turmeiros, os operários, demarcando, medindo, cavando, aterrando, numa agrimensura in-

quietante e incessante, ao sol e à chuva, ou pela noite, para que dos levantamentos surgissem as estradas, os açudes etc., etc...”

Tudo, enfim, acrescentamos nós, que acabará representando parcela considerável de progresso ao Nordeste.(1)

É também importante a cópia de material para serviço, chegada a Fortaleza – já agora quem conta é o Eng. Miguel Arrojado Lisboa – com que se “edificaram grandes armazéns na praia de Fortaleza.” E se tornou inevitável a “construção de 212 km de estrada de rodagem de primeira classe, para suportarem o tráfego de mais de 70 auto-caminhões (sic) de 10 t. de carga”.(2)

A esse respeito assinalou Thomaz Pompeu Sobrinho:

> “As estradas construídas de 1919 a 1923, contudo, permitiram intensificar o tráfego (de veículos), cobrindo a quase totalidade da superfície territorial do Estado.” E repete observação tomada ao Relatório do Eng. Lisboa: “... pode-se fortalecer uma idéia mais aproximada, observando-se que em 1919 não havia no interior do Ceará um automóvel. Em 1925, o numero desses carros vendidos em Fortaleza, quase todos para o interior; subiu a 210.” Dez carros, em média, transitavam todos os dias entre Fortaleza e Sobral. (conf. Thomaz Pompeu Sobrinho.(3)

Considerável o número de guindastes, caldeiras e motores elétricos. Nos acampamentos da repartição, como em Orós, vigorosa usina central acionava sodas as máquinas – fato inédito por então –, máquinas que começavam a ajudar a furar as entranhas da terra para a ereção do grande açude, ainda hoje uma marca em matéria de empreendimentos hidráulicos.

Em Fortaleza, pela primeira vez, funcionava usina para moagem de cimento importado em pedra. Só em 1923 foram preparadas 30.267 barricas desse material.(4)

## O Ruído das Máquinas

Caldeiras enormes com potência nominal, para mais de 300 HP, já desembarcavam na Capital, e logo se transformavam em desafio para o encarregado que as pretendia longe dali, aptas a impulsionar locomóveis pelos diversos canteiros de obras.

No ar; na atmosfera fabril desses dias, e em tudo, um sentido de movimento e operosidade. E coincidentemente a atualização de caminhos, a abertura de novas estradas, a atualização de cartas geográficas, e, coroando, a preocupação quanto ao regime de chuvas, com o tempo, um pérfido adversário difícil de ser domado.

Pelo que está mencionado e em decorrência da multiplicidade dos componentes desse arrebatador (e me permito nomear a meu modo) processo civilizatório, a sociedade de Fortaleza, não por desídia, mas por despreparo, em certos momentos se sente sem condições para entender e observar o sentido modificador que lhe está sendo proposto.

Por diante tentaremos alinhar aqui, tanto quanto possível, o modo de viver da população por esses dias, grei avaliada em todos os seus mais diversos graus de convivência (ou não convivência) com problemas que se armam como pedras de um fascinante e inesperado jogo de dominó, exercitado no decorrer da década de 1920-29. Na verdade de uma forma ou de outra todos participam das mudanças que começam a acontecer, ainda que não entendida a renovação da estratégia na luta contra os muitos advers8' rios da região, e dentre esses não ignorada a imprevisibilidade das condições meteorológicas.

Pelo começo do século ocorrem dois anos ruins, o de 1915 (terrível e áspero) e o de 1919, com desanimadora estiagem que

perturba fundamente a economia do Ceará, pondo na esteira de seus efeitos, por exemplo, em 1919, a peste bubônica e a tebre paratífica, duas más inquilinas ceifadoras de milhares de vidas.

Em outros momentos, como vai suceder em 1916, há a considerar em questão de saúde pública a mortalidade que de acordo com os números oficiais, ascende "a uma cifra não observada há mais de 20 anos." Amarga averiguação dó Anuário Estatístico do Ceará, de 1926. Mencionado aí que na seca de 1919, referida por "impiedosa", a mortalidade atingiu a 2.109 pessoas.(5)

Por essa razão a início da década de 1920-29, a Capital não tem boas condições de salubridade, pois até o mês de dezembro (de 1919), vão sepultadas 3.231 criaturas. A diarréia apaga a existência de 1.149 crianças de menos de dois anos. A estatística da década que nos interessa mais de perto é igualmente dolorosa em seus começos: a gripe mata 311; a tuberculose, 254; as afecções do aparelho respiratório, 255; as afecções do sistema nervoso, 157; as afecções do aparelho digestivo, 386. E tudo isso, toda essa baixa de vivos, numa população de 82.762 habitantes.(6)

Mas nem tudo é desencorajador. A partir de 1919 há a inclusão de novas rubricas, por exemplo, no movimento financeiro da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Dessa forma passa a vigorar a cobrança de "licenças sobre veículos terrestres" e mais o "imposto sobre máquinas e motores."(7)

Mas pelos índices estatísticos de dois anos, antes, numa cidade que ostenta 2.554 lampiões a gás e apenas "22.000 lâmpadas elétricas ligadas em casas particulares"(8), há pouquíssimos carros (automóveis e caminhões), a se avaliar pelos raros itens desse interesse na listagem de importação –"Magneto para automóvel"– "Accessórios de automóveis" – "artigos de automóveis"–, apenas 1009 quilogramas.

## Lança-Perfume e Carburantes

Enquanto chegam a Fortaleza 740 litros de gasolina, a importação de querosene (para acender lampiões) ultrapassa, a casa dos 600 mil litros. Enquanto isso a sociedade parece bastante interessada em divertimentos: alegra-se, salta e pula em seus bailes gastando 407 bisnagas de lança-perfume, e vai consumir nas mesas de jogo mais de uma tonelada e duzentos quilogramas de cartas de baralho! E as mulheres, ávidas pelas novidades da moda, acodem a adquirir espartilhos que aparecem, apenas na fatura de um importador; em quantidade tal que pesa 316 quilos.

Nessa cópia de coisas sem maiores préstimos para o desenvolvimento da cidade vêem-se artigos de bilhar (setenta quilos), gramofones (e seus acessórios), flores artificiais, artigos de moda e obra supérfluas – como se diz por hoje – para casa, em ouro e prata...

Nem tudo, no entanto, anda por esse mesmo tom. Chegam, por exemplo, no ano de 1918, mais de cinco toneladas de material elétrico, quinhentos quilos de arados e suas respectivas peças, bombas movidas a vapor máquinas industriais (não especificadas) e máquinas de escrever um locomóvel etc., etc., tudo conforme registra o **Anuário Estatístico do Ceará**, de 1919.

Não de estranhar o Ceará, por essa quadra, a importar mais que exporta.

Dessa forma, em 1920, de mercadorias o Estado recebeu 64.533:506$325 (em contos de réis) e dá saída principalmente a produtos rurais (couros, algodão em rama, cera de carnaúba, babaçu e borracha) que vão configurar grossa receita para os cofres públicos, da ordem de 24.787:350$527. A respeito há opinião expendida

por aquela própria publicação: “No Ceará, nós temos necessidade de produzir muito mais para exportar...”[9]

Nilo Vasconcellos considera dever-se dar ao homem do Nordeste – nesse caso a seu interesse, e do Ceará – além de instrução, condições cívicas, a competência. E como escrevia em 1919, acrescentando: “O capital e o trabalho estão sujeitos ao conhecimento técnico para prosperarem; sem eleaquele se consome e desaparece; sem este se torna improdutivo.”[10]

Os ensinamentos e nova visão de como as atividades do homem deviam de se aperfeiçoar pareciam mesmo alcançar o Ceará. Há um ruído de motores, um audível som que significa avanço tecnológico para os padrões então vigentes.

Conte-se mais: em 1919 o Ceará importava ao redor de setecentas toneladas de querosene, e apenas algo inferior a uma tonelada de gasolina. Mas os anos que se seguem modificam a apropriação de carburantes de tal forma que já em 1929 a estatística define a demanda crescente de gasolina: Chegam aos portos do Estado, principalmente ao de Fortaleza, 267.228 quilogramas.

As pouquíssimas peças (acessórios de uma maneira geral para carros) registradas em 1918, nada significam diante da tonelagem de automóveis (270!) e de auto-caminhões (era assim que se escrevia), dos ditos três para os serviços de limpeza pública.

As condições cívicas, e talvez fique melhor referir morais e sociais, não transitam animadoras, pelo menos é como ao presidente do Estado relata o seu Delegado de Policia, Dr. Adaucto Fernandes, em 1923:

> “Os atentados ao pudor; por atos impudicos, praticados diretamente contra a pessoa de um ou de outro sexo, a corrupção dos

menores, o defloramento, o estupro físico ou legal, o rapto, o lenocínio e o adultério, mereceram a maior atenção por parte da polícia, tendo esta, em defesa da honra social e privada, efetuado "prisões por atos de:

| | |
|---|---|
| Homossexualidade | 15 |
| Defloramento | 38 |
| Estupro | 2 |
| Rapto | 4 |
| lenocínio | 23 |
| Adultério | 5" |

O lenocínio chega a ter inclusive um cidadão de nacionalidade russa, Sr. Máximo, Orcheroff, "falando diversas línguas", ladrão e cafetão, que conseguira "impor-se à consideração da sociedade fortalezense".(11)

## A Sociepade Indesejada

Desafortunadamente o progresso também traz a reboque as distorções sociais, e vícios. Nessa situação já se consome na capital éter e cocaína. 'Grave o problema dos menores, criaturas desprotegidas e alvo fácil dos aproveitadores"... Aduz o rigoroso delegado: "Ultimamente a criminalidade infantil em Fortaleza terli tomado \1m desenvolvimento assustador; a ponto de termos efetuado para mais de cem (100) prisões, somente em menores por diversos crimes."(12)

Para enfrentar o problema o delegado sugeria a fiscalização das maternidades, justificando: "... – observação que pode parecer inusitada mas que se sustenta em inquietante índice: o total de mulheres solteiras, das quais inúmeros menores que, na década de 1920-29 dão à luz.

O levantamento estatístico percorre os anos de 1915 a 1926, detectando 2.329 parturientes solteiras contra 2.710 casadas. Nesse período as menores são 1.027! A situação moral, no entanto, tenderia a evoluir para pior. Se em 1915 (ano de terrível miséria da sociedade menos remediada em virtude da grande estiagem do século) para cada 155 mulheres casadas, que recorriam a serviços de parto na Maternidade Dr. João Moreira, havia exatamente 77 solteiras em 1920, ao limiar portanto da década. E em 1928 o total de mulheres-solteiras (245) suplantará o das casadas: 244.(13)

Pelo quadro de nascimentos, de janeiro a dezembro de 1918, que se pode ver ao **Anuário Estatístico do Ceará**, de 1919, para cada grupo de 552 crianças legítimas, batizadas, aparecem 147 na condição de filhos ilegítimos, ou sejam, 37% do total apurado.

No tocante ao avanço de conhecimentos técnicos o quadro vinha melhorando de anos atrás, valendo registrar que firma comercial do interior; Ernesto Leite & Cia., a 28 de junho de 1915, pela **Gazeta da Serra**, de Ubajara, já podia anunciar para os empresários, interessados em progredir que possuía à venda engenhos verticais, engenhos horizontais, tachos de cobre, bombas, arados e arame farpado de vários fabricantes...

A expectativa que se formou, com o advento das atividades da IFOCS, não foi em vão. Por diante, quando tudo parecia realmente engrenado, os dentes ajustados para a grande demanda de serviços e materiais indispensáveis ao funcionamento de casas de concertos, de usinas, de oficinas, – e estamos falando por exemplo do ano de 1929-660 navios já freqüentavam o porto de Fortaleza, o que expressa apreciável movimento de produtos tanto exportados como importados. A cidade nesse ano consome 1.870 bois, mais do dobro que consumira no inicio da década. Sobem as exportações, com a venda de milho recolhendo aos cofres do Estado

uma receita de 1:386$000... e depois para 18:304$000 em 1927. No dia 18 de janeiro desse ano no Palácio do Governo os representantes da Ceará Gás e Ceará Ligth acertam o acordo para a iluminação pública da capital ser à luz elétrica". A Loteria do Ceará realiza o seu primeiro sorteio a 3 de março e nesse mesmo mês "chega a Fortaleza a primeira mala postal, vinda por via aérea. Deixou-a cair na praça de Pelotas um avião da esquadrilha americana, comandado pelo Major Herbert Dargue."(14)

A Fênix Caixeiral, a mais pujante sociedade de funcionários do comércio da Capital, vai aos jornais a esclarecer como deve ser aplicada a nova lei de férias. As obras interrompidas, do Açude Orós, prometem reiniciadas.

Inaugura-se o Campo do Prado. No Teatro José de Alencar a Cia. Iracema de Alencar estréia com a peça "É preciso viver.

A cidade adquire hábitos sociais, adota terminologia própria do mundo social para assinalar os seus eventos mais representativos. Desse modo, ainda esse ano ocorre um "Gardem Party" em bairro afastado, comemoração do aniversário do prefeito da cidade, Dr. Godofredo Maciel. O "Coro Misto Beethoven", no Cinema Pio X, apresenta um belo recital denominado "A Modinha Popular Brasileira."

Em Acarape, pelo dia 19 de novembro, é solene mente inaugurada, pelo presidente do Estado o tratamento da água que desce até Fortaleza, para o consumo da população. A Secretaria da Fazenda, como resultado da boa fase que atravessa, inaugura sua nova sede, na Avenida Alberto Nepomuceno, tendo sido responsável pelo projeto e por sua construção o Dr. José Lino da Justa.(15) E pelo final do ano, coroando o desempenho artístico e social da cidade, o artista Pequeno Edson apresenta-se em concorrido

festival, no Teatro José de Alencar, “em cujo **foyer**” é inaugurada uma placa comemorativa dos seus triunfos artísticos em excursão ao sul do país.”(16)

Em 1928 os fortalezenses têm a sua ponte de desembarque, arte do Eng. Francisco Sabóia de Albuquerque. Mais freqüentes os concertos públicos da banda de música do 230 BC no Passeio Público. Redenção inaugur, com a presença do Presidente Matos Peixoto, a Usina Cariri. Criada a Imprensa Oficial. Para o exercício do ano de 1929 Ei despesa do Estado é da ordem de 13.522.739$460... e a receita em 13.541:573$566.

## Moda e Presença Feminina

Djacir Menezes profere inflamado discurso na Praça do Ferreira, contra o Matadouro Modelo, em truculenta questão que envolve interesses de toda ordem. Mas é progresso o funcionamento de moderno abatedouro.

Tudo parece ir melhor até mesmo a saúde da população. A disenteria mata 18 pessoas; a tuberculose, 264; as doenças do aparelho respiratório, 227. Diarréia e enterite, em crianças abaixo de 2 anos, roubam vida já agora apenas de 1.082 doentinhos.

Há menos nervosos, mas assim mesmo morrem só nesse ano 73 pessoas vítimas de suas afecções. E não excede de 39 os vitimados por afecções do aparelho respiratório.

Nessa cercadura de grandes e Pequenos problemas insere-se a cidade de Fortaleza com os seus hábitos e costumes pontuados por diante, menos a rigor da história que da crônica simplesmente circunstancial, a que escrevemos.

O filó, o tafetá e o “voil” de seda fazem a moda.

Os vestidos sobem deixando à vista quase toda a metade inferior das pernas. A saia colante, que descarta enfeites complementares, reduzida – como observou entendido da época “cada vez mais até os “entravée”–, vai ceder lugar ao “tauleur”, que, em 1916, começa a “encher em demasia o corpo da mulher; de pano”, opinião de experto no assunto, com coluna de moda na revista “Careta” de 1916.(17)

Não se pode entender; ou decifrar; o perfil da década de vinte, sem mencionar para discussão os antecedentes dos anos de 1915 a 1919. Por esses dias a publicidade começa a apostar tudo no aproveitamento da imagem da mulher como força de negócios. A presença feminina nunca esta ausente, no sul do país, dos anúncios da Perfumaria Bizet, em que aparece uma dama entremostrando (muito ousada!) o seio direito e segurando numa das mãos uma bandeira. Assume de pronto pose de estúdio – a lembrar os bons retratos do ateliê do fotógrafo J. Ribeiro. Mais mulheres ilustrando os “reclames”; por exemplo, da Loção Juventude, do sabonete “Deita”, do Creme “Royal Vinólia”. A cerveja “Fidalga”, que se proclama “a cerveja da moda”, é ofertada por outra dama. Assim seguem as jovens, senhoras de sodas as idades, graciosas em todo tipo de divulgação ora da resistência de cores, ora na publicidade da “Emulsão de Scott”, do “Elixir Mururé” de Caídas etc., etc. A imagem feminina não falta também ao anúncio das marcas de cigarros, como na série por então divulgada sob a chancela dos “fumos Veado.” A eleição por nomes femininos alcança o auge, acredito, pelos anos que se aproximam de 1919, com a fabricação dos famosos cigarros “Yolanda”. Exibido em seus maços (carteiras), outra dama de seio direito entrevisto.

Em Fortaleza, além das cigarreiras – pequenos estabelecimentos de preparo de produtos populares – funcionam três in-

dústrias importantes para o tempo: Fábrica Iracema, Fábrica Arakén e Fábrica São Lourenço, cuja produção é mais vendida no interior do Estado, liderando os negócios, na Capital, os fortíssimos cigarros ‘Acácia”– o mais popular de todos –, seguidos das marcas “Olga”, “Riche”, “Joly” e “Diva”, esse último produzido pela Manufatura Arakén. na linha também apelativa da imagem feminina.

A concorrência é grande entre os fabricantes de cigarros, pois em 1917, de exemplo, estão disponíveis nas páginas do jornal Correio do Ceará, como sucede na edição de 1.º de julho, alguns anúncios em que se destaca o da Fábrica Iracema chamando a atenção para “Dois Kilômetros”, cigarros medindo 16 centímetros (precursores, a toda certeza, dos cigarros “longsize”), o maço dos tais custando ao consumidor 400 réis. Aduzia: “Economicamente é um só cigarro que equivale o duplo do comum de 8 centímetros, que custa 200 réis o maço. O consumidor econômico poderá fumá-lo mais de uma vez, em vista do seu grande tamanho.”

Os cigarros “Zita” (outra vez nome inspirado em mulher) ofereciam a carteira com fósforos”. Inovava, portanto, o fabricante, vendendo-os com 30 artifícios de acender; pelo preço de 300 réis. A Fábrica São Lourenço conçorre com “3 Tangos”, enquanto Caminha & Irmão produziam cigarros mais para o povo”, os das marcas: “Macacão”, “Capoeira”, “Turuna”, “Condor”, ‘Aliados” etc., etc.

A mulher de sociedade fumava? Provável, pois não raras as caricaturas de melindrosas segurando aos lábios piteira e cigarro... Mas quem era vaidosa, a desejar o corpo amoldado, silhuetado, só possível com o uso do espartilho, anteriormente menos atraente e então denominado “colete americano ou francês.”

Desde 1913 o espartilho fazia companhia às damas da sociedade fortalezense. Basta ver ao anúncio publicado em “Unitário”, esse ano:

"**Le Seduisant** – Indeformável espartilho de grande luxo, muito delicado e leve, deixa a respiração franca, da graça e elegância ao corpo, não comprime o organismo, idealize o contorno da cintura, dando ao mesmo tempo conforto admirável, completamente invisível nas toilettes mais leves produzidas por *"Bucher & Cia., createurs de la mode Hors Concours, membre du jury, Exposition Universaile, Paris, 1900."*

A loja proclamava-se a única vendedora do artigo, mas a Loja Torre Eifeel atacava de frente, alardeando as vantagens dos "Espartilhos Americanos, marca Vergo, modelos elegantes e confortáveis, preço: 25$000. Única *recebedora*. (grifamos).

Reduzido o número de lojas de moda ao final do século passado. Das cases de comércio dessa atividade prosseguiam servindo à sua clientela, nas primeiras duas décadas, a Toscana, Casa Plácido e Bayma, que se vão juntar a outras onze, em 1918, das quais apenas duas chegam até os nossos dias: Rosa dos Alpes e Casa Parente.

Pelos dias de 1918 cresce o número de estabelecimentos que se propõem a cuidar do aformoseamento da mulher. Só cabeleireiros são dezoito.(18) Mas as mulheres, no entanto, sob análise até mesmo menos exigente – mas certamente muito distante das circunstancias – sugerem pouca ou quase nenhuma aplicação em favor da cultura do espírito. Pelos índices de freqüência da Biblioteca Pública (hoje Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel), em 1916, do total de consulentes, de janeiro a dezembro, 20.721 são homens, 36 menores... e apenas *19 mulheres.* É como está dito no Relatório do Dr. João Thomé de Saboya e Silva.(19)

## O Cinema Inspira

Em 1916 a mulher que aconselhava "fumar só marca Veado", também se exibe já agora elegantemente trajada (no vestido

uma horrível flor sufocando o estuário dos seios) e pose de artista de cinema, que a tudo inspira, tranqüilamente fumando.(20) Noutro anúncio, dessa vez da conhecida cerveja Fidalga, outra jovem mulher assume o interesse pela bebida, a exibir-se tendo à mão um copo de cerveja.(21)

Dou-os por episódios, ainda que isolados, da influência do cinema mudo que alcança o inicio da década 1920-29, despertando considerações de repulsa da crítica.

"E sodas as fitas americanas são brutas histórias de raptos, com salteadores; indicam as ignóbeis fantasias de uma pobreza de invenção, de causar pena, quando não são melodias idiotas... " (...) "Apesar de tudo, é na assistência delas que nasce muito amor condenado. "Foi", diz uma raptada, "no cinema, que conheci E.."(22)

Casos de adultério e suicídio vê a critica, inspiradas ao escuro das salas de projeção. Mas os artistas de cinema despertam a atenção do público como nunca. São os dias de sucesso de William Farnum, George Nash, Theda Bara, Lília Lee, Ruth Roland etc., etc. Aparecem juntos, em fitas que causam grande êxito, Marv Pickford, Charlie Chaplin, Douglas Falbanks.

Para Ronald de Carvalho "o cinema acabou de matar o talento creador dos nossos jovens apóstolos da elegância; quase plagiam ou copiam miseravelmente o traje dos artistas da tela. Num relance de olhar; há de ver que a elegância brasileira agora é norte-americana. Impõe-se com todos os exageros pela influência imediata de Wallace Reid e dos George Nash."(23)

O percurso do cinema em Fortaleza principia, pode-se dizer; com a iniciativa do italiano Vitor di Maio – "que já havia instalado na Rua do Ouvidor; do Rio, em 1904, o primeiro cinema

do Brasil, chamado cinematógrafo." – montou casa de projeção "no ângulo noroeste da Praça do Ferreira.", o Cinema Di Maio".[24]

Em 1909, está mencionado no mesmo lugar; Henrique Mesiano segue o exemplo e instala na Barão do Rio Branco o cinema "Rio Branco", e em seguida o sr. Júlio Pinto inaugura, na seqüência, o seu salão de projeção: Casino Cearense.

Não demora vir o Politeama, de "grande popularidade", e outra de efêmera duração, o Amerikan Kinema. Por diante a cidade conheceria os cinemas Moderno e Majestic.[25]

Da viagem de automóvel que fez de Ubajara a Fortaleza, o jornalista e homem de negócios Manoel Miranda, retratou em crônica para o jornal que editava em sua cidade, como era uma sessão de cinema em Fortaleza pelos anos vinte:

> "Enquanto não se apagam as luzes e a sessão não começa, os "habituées" passam revista o grande cinema animado que se exibe na vasta tela da platéia iluminada e revoante.
>
> "Rapazes que 'flertam', cumprimentos de cabeça, olhares discretos, gestos de desdém, tudo se cruza ali, no vasto salão abafado e o comprimento a que debalde os ventiladores lançam sopros relatórios. Rebrilham jóias, em carnações marmóreas, em corpos de estrelas (grifamos) que julgam na grande fita natural em que todos tomam parte." [26]

Em 1927 o poeta Carlos Teixeira Mendes, o Teixeirinha, de Fortaleza, comenta para seu amigo Mário Cavalcante, telegrafista de Ubajara, como se apresentam as mulheres e como se comporta a cidade por então:

> "Vestido curto, casacos sem mangas (e isso era demais para aqueles dias) cabelos à Rodolpho Valentim, cortados como o dos ho-

mens. Uso de poucas saias, ou mesmo de uma só. Tudo! tudo enfim vem atestar a falta de vergonha da mulher, que já morreu há 15 anos... Depois do início das obras do Nordeste, no Governo Epitácio, Fortaleza teve grande surto de progresso. As coisas são muito diferentes, de anos passados. O movimento da rua intensifica-se muito e temos uma cidade sempre cheia de caras novas..." (...) "Sábado passado tive a paciência de contar os jornais que circulavam em Fortaleza. Eram 13 e muitos de 12, 15 páginas. Temos sete cinemas e 426 automóveis. Basta isso para atestar o grande movimento da nossa urbe."(27)

As películas despertam a atenção da população. Comentadas por todos, e criticadas. Como a figurar cena real, aquele jornal do interior; a "Gazeta da Serra", insere na sua secção "Flagrantes da Cidade" o seguinte diáologo travado entre uma mulher e o cronista do jornal: "Previno-te de que hoje passa no "Majestic" a ultraprodução da Fox, um romance-filme "O Mistério da Noite Azul", de belo enredo sentimental. Quero contigo ir assisti-lo, esperando-te às 7, em casa da madrinha: ouviste? Este filme, Carlos, tem provocado vivos aplausos e imbecis protestos dos místicos, dos exagerados pseudo puritanos dos habitués dos sermões fastidiosos..." (...) "Este filme não é decente, menina. Li na Gazeta católica a sua condenação, um artigo do D. Reverendo Azevedo..."(28)

Antes, em 1922, alcançaram grande sucesso os filmes: "Algemas de Ouro", cujo astro era um dos artistas mais aplaudidos da época, William Farnum; e "Uma Viagem à Eternidade", exibido no Cine Majestic.

Júdo já muito distanciado do ano de 1917, por exemplo, quando várias casas exibidoras – Riche, Rio Branco, Casino, Politeama... – abriam suas portas a público não reduzido, os adultos pagando 700 réis para entrar, e crianças, 400.

A cidade alcança, portanto, o ano de 1928, a se divertir como nunca. Mais alacre. Mais desinibida. Transcorrem as funções, por exemplo, do grande parque de diversões, o "Corney Island Park", a entrada custando dez tostões, como relembra Ubatuba de Miranda, que foi ver nele a roda gigante, os cavalinhos e "aquele túnel com as motocicletas disparando pelo seu interior..."; e mais jogos, que tudo havia na cidade; "loterias de artigos que havia de melhor, os seus restaurantes muito freqüentados, os gelados, sem falar nos artigos da moda..."(26)

Funcionava ainda na Praça do Patrocínio o Diorama, possivelmente o mesmo que em 1924, como está mencionado nas páginas do **Correio do Ceará**, "em frente à Av. Nogueira Acióli, a cobrar "500 réis pelo ingresso, avisado no texto que os assistentes concorriam a "dois mil brinquedos" com o próprio bilhete de acesso.

O Passeio Público, de anos atrás, como ocorria em 1915, já se transformara em atração para a cidade, palco de exibição da banda de música do então 480 Batalhão de Caçadores, que executava bem elaborado programa artístico compreendendo as seguintes peças: "Arcelino Pereira", bolero; "Rameau de Fleurs", valsa; "Princesa dos Dólares" (o dólar valia 10$450 rs) valsa e bolero para bombardino; "Haroldo", seleção; "Dalila", cavatina para pistão, e o dobrado "Major Sarmento".

Para tocatas, por esses tempos ora descritos (1912), e que vale a pena recordar; a banda de música dos militares (do 49.º Batalhão?) cumpria tabela especial de contratos:

| | |
|---|---|
| *Baile, com recepção* | *150$ 000* |
| *Baile carnavalesco* | *200$000* |
| *Passeata Carnavalesca* | *1 50$ 000* |
| *Passeata ou recepção* | *100$ 000* |

E certamente os músicos da banda de música do 49.º Batalhão de Caçadores, também naquele ano de 1912, prometia exibir-se no Passeio Público, a 30 de março, executando o seguinte programa:

**1.ª Parte:**

"Regina de Sabá", marcha.
"Lysistrato", valsa.
"Saia-calção", polka.
"Temphel", dobrado.

**2.ª Parte:**

"Le retour a la vie", valsa.
"Ópera Guiska", selection.
"Invocasione", polka; final do Guarany

"Doces paroles", pas de quatre.
"Ídolo", dobrado.

Os quiosques, situados nos logradouros, serviam de estimulante opção para a boêmia que parecia muito à vontade em 1913. Aí, tudo indica, os exageros da consumação alcoólica. Pelo menos é o como se depreende de nota publicada em Unitário", a 19 de fevereiro desse ano:

> "Outra coisa convém decretar-se e vem a séria proibição de erguerem quiosques nas praças públicas, facilitando o ajuntamento de rapazes que, fugindo ao estudo e entretenimentos lícitos, fazem neles a sua residência quase habitual, decaindo da estima dos homens sérios e inutilizando-se para todos os misteres da vida social. *Está-se bebendo demais em Fortaleza*. (Grifamos)."

O automóvel e a locomotiva, convém repetir mais uma vez, sem dúvida alguma contribuíram para o desenvolvimento do Ceará, influenciando diretamente no processo civilizatório, ou como queiram, de modernização, experimentado mais intensamente ao longo dos anos vinte.

O primeiro carro de passageiros chegou a Fortaleza a 28 de março de 1909, em iniciativa pioneira do Dr. Meton de Alencar e Júlio Pinto, então Sócios da Empresa Auto *(sic)* Transporte, na qual mantinham interesses comerciais. Foi puxado por um jumento até a garagem da firma importadora, onde permaneceu, pois ninguém, absolutamente ninguém lhe conhecia o funcionamento.(29)

Já sete anos adiante, conforme registro feito por João Brígido, os auto-caminhões (?)– assim denominados os veículos de carga – são introduzidos em maior número.

Em verdade todo o material pesado se transportava para os sertões graças a esses carros, tendo Walker & Comp., nesse mencionado ano, atrasado "o cronograma das obras contratadas em virtude das dificuldades enfrentadas pela Inspetoria (IFOCS) para transporte de materiais" nos tais auto-caminhões, por não existirem estradas convenientes ao tráfego.

Pelos anos vinte a cidade conhecia a sua primeira garagem de alugar automóveis para quem quisesse inclusive viajar; e nesse caso, o "chauffeur" José Martins Mororó alardeava preços módicos e a frota de "excelentes carros "Overland".

Viagem de automóvel, em 1923, merecia registro aos jornais.

O correspondente do "Correio do Ceará", sediado em Russas, em despacho publicado no dia 2 de dezembro, registrou ter o

Cel. Alexandrino Mattos transitado pelo lugar em luxuoso "Studebaker" de sua propriedade, com destino a Aracati." acompanhado do Dr. Clóvis Fontenele, Sr. Hofiniam, gerente da loja 'A Pernambucana" (...) "e João Porto." Deram-se por então as primeiras caronas noticiadas, pois o correspondente informa que, de Fortaleza até Russas, haviam viajado no veículo o Pe. Zacharias Ramalho e o Dr. Antônio Pompeu.

Em 1925 o diretor da "Gazeta da Serra" (de Ubajara), o jornalista Manoel Miranda (mencionado antes), vinha narrar pelas páginas de seu hebdomadário o passeio de carro praticado de sua cidade até a Capital, acompanhado dos irmãos Nestor e Gentil Soares.

Partiram no dia 30 de setembro (ao final da tarde, possível admitir) e chegaram a Ipu, cidade da região, às 22h. No dia seguinte o veículo foi embarcado (com os passageiros) no carrolastro de uma composição ferroviária, com destino a Sobral. Daí os três viajantes seguiram no próprio carro até Sant 'Anta de Acaraú, onde jantaram às 18h. De noite (que temeridade!) seguiram para São Bento d'Amontada, e daí alcançaram Itapipoca (que caminho!) onde adquiriram gasolina ao prefeito municipal que os atendeu prazerosamente se proclamando habituado "a semelhantes exigências automobilísticas a deshoras..."

O veículo viajou à noite. Pelas 9h30min do dia 2 de outubro, mais de 48 horas depois do início da viagem, estacionou afinal diante de uma pensão familiar (seria a Pensão Central?) de Fortaleza. Os viajantes podem ter se hospedado também na Pensão Internacional, Hotel Bitu ou Pálace Hotel, à época os principais estabelecimentos do gênero.

Várias cidades dó interior do Estado por esses idos possuíam também automóveis. Desse modo Ubajara, que, em 1926, via a

instalação de sua Garagem Estrela, a dispor de serviços de carros de aluguel. Ali anunciadas as "viagens para qualquer linha da serra a preços módicos." Os serviços podiam ser contratados com o sr. Edson Costa.

Os caminhos não ajudavam. Péssimos. Basta dizer que em tempo normal (viagem sem contratempos) consumia-se mais de um dia no percurso Fortaleza-Ubajara. O próprio jornal dó Sr: Manoel Miranda (17.07.27) acolhia esta elucidativa informação a propósito: "Fortaleza, 11 – O Sr. Manoel Miranda, redator-chefe da "Gazeta da Serra", regressará a essa vila amanhã, em automóvel, deyendo chegar aí (Ubajara) a 13."

O veículo de passeio preferido a esse tempo era o "Ford", "the universal car" como mencionado nos anúncios da época. Em 1923 lançado em Fortaleza o modelo novo "Double Phaeton", do qual se apregoava: "Os inúmeros aperfeiçoamentos mecânicos introduzidos nó modelo Ford, além de o tornar um carro de belas linhas, vieram aumentar o seu conforto e durabilidade. Com *rodas desmontáveis* (grifamos) etc., etc."

A firma A. Santos & Cia. negociava o referido modelo em "vendas a prestações", havendo câmaras de ar; pneus, tudo disponível e da marca "United States", que os automobilistas podiam adquirir na firma José Alfredo Garcia & Cia, a atender os seus fregueses na Rua Major Facundo, 115 – sobrado. Bonito automóvel, como o "Double-Phaeton", que já incorporava equipamento automático de partida, podia ser comprado pela importância de 5:900$000.

Carlos Teixeira Mendes (ou Ubatuba de Miranda) fez este curioso inventário do custo de vida em 1925: "Come-se uma banana por 20 réis. E também, do mesmo preço, uma tapioca. Dois dedos de cachaça, 100 réis. Uma colher de açúcar (faziam-se mer-

cados desse modo: uma colher de café duas colheres de manteiga, dois carocinhos de pimenta do reino etc., etc.) custa também cem réis, assim o rolo (um mercado) de fumo, da grossura de um dobrão. O quilo de carne vendido por 1$200."

Todo o espírito de procura e atualização técnica, na verdade nunca será ocioso repetir; passe pela influência e sobretudo pela quantidade de dinheiro aplicado (e investido) na região através das chamadas Obras do Nordeste, direcionadas pela IFOCS. Em 1922 os recursos foram da ordem de "95.166 contos", cifra que infelizmente vai declinar para 47.882 contos em 1923...; 7.620, em 1924, a míseros 3.,827 contos, afinal em 1925".(30)

Mas a semente de novas idéias, de novos procedimentos de engenharia etc., etc., estava plantada. Em rigor quando os recursos minguaram já havia uma cópia formidável de máquinas e serviços inaugurados na área, fato que em 1950, ganharia de Otto Guerra este lúcido comentário: "Ainda hoje a iluminação elétrica dos acampamentos, grande parte de material de trabalho de trabalho, vêm daqueles tempos."(31)

Irrelevante sobreviverem, compartilhando com o progresso, a venda de carroças (carros de boi) em pleno coração da urbe" no Bulevard Visconde de Cauipe, 563; ou a oferta, para negócio, de jumenta "boa leiteira".(32)

## Espírito Sindical e Greves

Dá-se acontecimento de reivindicação salarial em 1929, que, não obstante fracassar; leva o fortalezense a experimentar em seu quotidiano as conseqüências de greve. Trata-se do movimento paredista deflagrado por funcionários da Light (companhia de transporte em bonde), principalmente de motorneiros, em razão da ne-

gativa de concessão de aumento à classe, decisão tomada pelo Sr. Scott, então gerente da empresa. fato ocorrido a 22 de agosto. No dia seguinte a cidade está praticamente sem transporte, enquanto o jornal católico, "O Nordeste", atribui a rebeldia dos funcionários à ação comunista do Bloco Operário Camponês.

A 23 os jornais mencionam o tráfego de alguns carros (apenas oito) ocupados por soldados a intuito de manter a segurança. A 29 prosseguem os referidos carros guiados por militares. Mas não obstante todo o empenho dos paredistas a greve esmorece e cede afinal a 1.º de setembro.(33)

Esse movimento reivindicatório decorre, sem dúvida, da semente plantada com as idéias propostas em 1890, pelo jornal "O Combate" e Sociedade Beneficente da época e vai prosperar por diante, como registrei em outro estudo, "...com mais entusiasmo nos Círculos Operários Católicos, em 1915, no aparecimento de uma dezena de sindicatos em 1919, oportunidade em que surge o Partido Socialista e, mais tarde, em 1925, a Federação Operária Cearense, o Movimento do Centro Artístico Cearense, o Partido da Mocidade, o Bloco Operário Camponês (aludido pelo jornal "O Nordeste"), e a flamejante participação do jornal "A Esquerda", de Jáder de Carvalho (de 1920 a 1929).(34)

## Os Inicios Do Rádio e o Novo Jornalismo

Em 1924, sem dúvida, nasce a radiodifusão no Ceará. A 20 de janeiro desse ano, em sua repartição (Distrito Telegráfico – os Correios) o Sr. Elesbão de Castro Velloso, engenheiro, reúne em tomo de uma nova idéia os srs. (igualmente engenheiros) Antônio Eugênio Gadelha, Humberto Monte, João de Carvalho Góes, Clóvis Meton de Alencar e Alfredo Euterpino Borges.

Desse grupo surgiria, como mencionado por esses dias, a primeira entidade de radiotelefonia, a ter; a 15 de fevereiro do mesmo ano, aprovados o seu estatuto e a eleição da primeira diretoria. Chamou-se Rádio Clube Cearense: Pres. Eng. Elesbão de Castro Velloso; Secretário; Dr. Carlos da Costa Ribeiro; Tesoueiro; Dr. Antônio Eugênio Gadelha.

Tencionava a diretoria do Rádio Clube Cearense colocar em funcionamento quanto antes "uma pequena estação emissora de 3 watts (devia ter pelo menos 30), montada à pressa e para começar a operar em março do mesmo ano. Na sede da sociedade estava instalada a receptora de 3 válvulas, circuito TSF portando alto-falante Ericsson, supertone." Além desse receptor existia na cidade um outro pertencente ao associado Clóvis Meton de Alencar; de circuito de reação a duas válvulas, e por ele mesmo fabricado. Outro assemelhado, também fruto de trabalho artesanal, pertencia ao sócio Alfredo Euterpino Borges.[35]

A única emissora radiofônica sintonizada em Fortaleza por esse grupo de idealistas, reunidos sempre nos salões da Fênix Caixeiral, era a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mas infelizmente sem a "nitidez e segurança" desejáveis.

Mas a primeira estação de *broadcasting* só se inauguraria dez anos depois, em 1934: a Ceará Rádio Clube, decorrente naturalmente de todo o trabalho feito por esse grupo de interessados na radiodifusão cearense.

A sociedade vai chegar ao final da década mais amadurecida e contando já com uma imprensa que não se detém apenas nas questiúnculas políticas. Nasce o gosto pelas reportagens, geralmente escritas por intelectuais que exercem o jornalismo na província. Dessa forma, não faltam – nem mesmo às páginas do jornal

católico, O Nordeste, longas matérias descritivas sobre os desacertos do cangaço. As proezas de Lampião, a morte de soldados no cumprimento do dever; tudo isso freqüenta a esse dias, amiúde, as páginas dos jornais.

Mas nada tão importante quanto a reportagem sobre o momentoso crime que traumatizaria a cidade em 1923, assassinato praticado contra a Sra. Percy Davis, morta à noite pelo seu marido (Sr. Percy Davis, funcionário da Light and Power), de 22 para 23 de setembro.

Foi toda uma série de reportagens produzidas com talento e dramaticidade sadias da pena de um jornalista-advogado, Renato Viana, que mais tarde, já mais próximo dos nossos dias, obtém renome nacional com seu trabalho em favor do teatro brasileiro.

Tal a repercussão do crime que logo um cidadão, José da Costa e Silva, compareceu às páginas do Correio do Ceará com um tocante soneto sobre a desventurada morta, versos que foram repetidos, e repetidos, por muito tempo, nas rodas sociais de Fortaleza:

**Edith Davis**

Era um lindo anjo, perfeição sagrada,
Fonte de paz, de amor e de ternura,
Rosto divino, imaculada alvura,
Era a estrela gentil da madrugada.

Eis que de um monstro pelas mãos roubadas
Foi da casa paterna... Com doçura
Sua mãe lhe ameigava a face pura,
Foi pobre caixeirinha, mas honrada.

Coitada! Nunca conheceu ventura,
A rara e embevecida formosura
De certo anjinho louco, casto e lindo,

Foi escrava do esposo miserando!
Mártir dos mártires, viveu chorando!
Mártir; dos mártires, morreu sorrindo!.

No percurso da década de 1920-1929 o último ano é sobremodo significativo para os meios sociais e culturais de Fortaleza. Certamente a 1.º de maio assistem todos, tocados do mais incomedido civismo, a inauguração da estátua de José de Alencar; oportunidade em que discursam Gilberto Câmara, autor do movimento em favor da construção do monumento, o prefeito Álvaro Weyne e o escritor Gustavo Barroso, representando a Academia Brasileira de Letras.(36)

A Senhorita Stella Bezerra é coroada Rainha dos Estudantes... e ve ao seu lado, na condição de princesas, Rachel de Queiroz e Auri Moura. O **Art-Noveau** abre novamente as suas portas à sociedade ávida por entretenimentos, já agora sob a direção do Sr. Gilberto Góis Ferreira. Em moda pessoas de renome intelectual apresentarem artistas em concertos. Desse modo a declamadora Altair Gomes, em janeiro de 1929, é louvada no palco do Teatro José de Alencar pelo Sr. José Sombra, respeitável homem de letras. Nas mesmas circunstancias sobem ao palco Beni de Carvalho, Mozart Firmeza etc., etc.

O automóvel continua a impressionar. E importante. Modelo de luxo, exatamente o **Jown Sedan essex**, é entregue como presente especial de aniversário – o leitor não pode adivinhar...) ao Arcebispo D. Manoel da Silva Gomes. Gravado em chapa de ouro, e bem na frente do motor; à vista de todos, as “armas

arquiepiscopais". Certamente o mais lembrado dos presentes recebido em seu aniversário pelo Amado Pastor dos cearenses.

Ah, aumenta cada vez mais o número de automóveis na Capital. Os jornais, no ano anterior (1928), fizeram coro informando ter o Ceará importado nada mais nada menos que 264 carros de passeio!

Não obstante os incêndios que destruíram o Hotel Avenida, a Casa Primor; A Fascinadora, Relojoaria Cancão, além de infligir pesados prejuízos à Casa Zenith e A Samaritana, abrem-se novos estabelecimentos comerciais, ainda que a população não aceite sem muita reclamação a extemporânea declaração do Engenheiro Coelho Brandão a "O Jornal" na Capital Federal:

> "Empreender obras públicas no Nordeste é derramar água nas areias do deserto!" (37)

Os tempos, felizmente, são de providenciais mudanças para melhor em todos os setores, notadamente o educacional.

Tempos de muitos ruídos mecânicos, e de motores.

E de sons, e de novas idéias.

## A Cidade e os Anos Trinta

Tempo, o dos anos trinta. Fortaleza estava dividida em duas metades de gente: a que morava na área de calçamento... e a que vivia (vivia?) pelas "areias", e essa designação de ocupação do solo a significar quem morava nas embrionárias favelas de hoje, gente modesta abrigada quase sempre em casebres. Crime nas areias, de facada; briga na cidade, no calçamento, – de bengala. "Preso por ter dado bengaladas em fulano..." anotavam os jornais

da época, o "**Correio do Ceará**" a exemplo, onde se podia ver secção policial ilustrada com figurinha de bonde que, na vida real, causava acidentes muito comentados...

Em casa pisava-se sobre tamancos. A ataca de couro cobrindo o pé, ajustada ao lenho de maniçoba, pau esquecido da serventia nobre de produzir borracha, para carregar agora os pés de todo mundo.

Em casa, de pijama os homens. Botões arregalados, os alamares brancos ostensivos. As mulheres, de robe, poder-se-ia nomeá-lo de quimono. Floreados. Cada flor do tamanho de bolacha fogosa a esses dias esmola para cegos... E flores certamente papoulas, que, rubras, davam na vista. E tons, uns tantos, principalmente amarelos.

Para ir à praça (praça, saudosismo da Idade Média querendo dizer mercado, lugar de compras e não necessariamente Praça do Ferreira), a mulher indumentava-se protegida de anágua, combinação e vestido. Mais por baixo, na intimidade quente do corpo, a calcinha chamada sunga. Por diante, a arremedo de novos hábitos, havia quem "afrontasse" a sociedade usando calcinha V-8, pois o tecido dessa peça íntima, atochando as nádegas, fingia um V ressaltado... As mais impudicas metiam no porta-seios (ainda designado por califom) bicos de pão, um de cada lado, a fingir espertíssimos mamilos...

Por trás das portas das alcovas, quem tinha medo de tempestade guardava orações em papeluchos. Não esquecido o salmo 90, nem toda vida por inteiro, mas prosperante a intenção de acudimento divino.

O dono da casa – e vem ao caso, meu pai – bebia quinado. O uísque é de hoje; e cerveja, à falta de refrigerador; só consumida

pelos aniversários. Acomodavam-se as garrafas ao pé da jarra, onde parava a água comprada ao poço (entenda-se: fonte) do "Zuca Acioly", líquido tão puro (era o vocal desses dias), que sugeria indefinido tom azul...

Às visitas servia-se licor. Dona de casa só recebia bem depois de aprendida em preparar; por exemplo, licor de tangerina... ou de café. Guloseimas. Biscoitos de araruta, pão-de-ló (vendido até às bodegas), e doce "Coelho", rótulo de papel e fama de o saborearem até em Portugal, – tudo à farta. A educação exigia deixar "sobejo", heróico ato de resistência à gula, de geral o melhor pedaço, fim de refeição que a visita via recolhido Para a cozinha.

Conversas sobre vizinhos recém-mudados, passeio de bonde, fita de cinema ("enorme, mais de seis partes!"), casamentos propostos, doença em família, igreja... E compromis505 religiosos deste modo: não se atrasar para o novenário, adorar o Santíssimo, freqüentar a confraria das Mães Cristãs, não perder a procissão...

## Aguardando o Novo Ano (1930)

A transferência da bomba do "Flit" da dispensa para cima da mesa do jantar; anunciava algum evento importante, o que sucedia em dias de aniversário, festas juninas; ou pelo Natal e à passagem do ano, que vem agora a nosso interesse, a prenúncio de preparativos domésticos exercitados a partir do lustramento dos móveis, a estes se lhes chegando o brilho do óleo de Peroba; da pulverização "dirigida" do jacto do "Flit" – à época o único inseticida disponível –, a cumprir sua finalidade por contacto direto. E então varria-se o piso da casa, o cisco empurrado para o quintal. Tinha de ser assim, fortalecida a idéia que a varrição indo ao contrário, em direção à porta da rua, equivalia a inesperados transtornos na vida da família.

As cadeiras, enquanto perdurava a limpeza do chão, mantinham-se encostadas às paredes, prevalecente a recomendação de não se molhar (para não borrar) a pintura que corria caprichada e à "pistola", em moda.

Nódoas do chão – que bem podiam ser de café ou leite derramado – desapareciam com criolina, circunstancia que trazia para o interior da casa o odor de vacaria e de animais irrequietos pisando em algum liquido malcheiroso.

Só então repunham-se em seus lugares os móveis, assentado o cheiro do "Flit" (à base de querosene?), enxugado o chão (porta e janela da frente permaneciam abertas enquanto durasse a operação-limpeza)...

E iniciados os preparativos culinários com a cozinha apressando as queijadinhas, não mais que cinqüenta, a massa perfumada com coco e depois entrouxada, ainda grudenta, nas fornilhas areadas antes com esfregada de limão e cinza. Batiam-se ovos, claras à parte, para o preparo de incerto bolo sem nome, fruto de repetidas alterações em receita aplaudida por todos mas despojada de suas características originais.

Depois do jantar ia todo mundo para a calçada, onde já estavam as cadeiras para quem queria conversar matando o tempo até chegar o ano novo.

A rua – não só a do Imperador – pelos anos trinta transcorria animada. Pessoas passeavam, principalmente adultos, a despertar comentários: "E gente indo para a Praça do Ferreira"– "Vão ver o pipocar dos fogos"– "É o pessoal que não quer perder o pastoril..."

O bule quente, com café, entronava-se na bandeja de metal decorada de passarinhos e ramagens. As xícaras de porcelana, prê-

mio Toddy, inglesas. A beirada, onde os lábios obstinados se punham assoprando o liquido abrasado, mudava de cor com o tempo, o branco antes translúcido virava papel sapecado.

Pelas onze e meia, se muito, ia-se comer o bolo sem nome, as queijadinhas; beber mais café e vinho do Porto.

Soando a meia-noite (quase não se ouvia o buzinado de automóveis), subiam aos céus escassos fogos de artifícios. Aí e além o estrugir de alguma bomba rasga-lata, o saltar de um rojão. E todos falavam a mesma coisa de uns para os outros: “Agora é novo ano”– “Felicidades”” – “Saúde”.

Bocejando, recolhiam. Alguma criança, carregada nos braços, choramingava. Era o fim daquele acontecimento, o término de longa espera. Só não acabava o maldito odor da criolina rebrotando à noite toda do chão asseado.

## A Casa e Suas Coisas

A casa não era apenas o número, algarismos brancos da placa vazados em azul de céu de presépio. Erigia-se dona de calçada alta que pelos anos trinta teve de se submeter às novas regras do código de posturas. Assim o seu piso acabaria rebaixado, providência que praticamente eliminaria os desníveis verificados entre uma casa e outra: E em ato contínuo ocorreu o assentamento do fio de pedra, sinônimo de progresso, o chão aberto e as pedras trabalhadas (com menos de um metro) logo atochadas na areia, e rejuntadas de cimento.

Casa alugada, de comum de duas portas como se dizia. Na verdade uma porta e uma janela. Na porta de acesso a quem vinha

da rua, quatro postigos de madeira, dos quais apenas dois articulados, o que vale dizer; abrindo para fora, na direção da calçada.

De múltiplas serventias. Acudiam a dona da casa para verificar; de modo bastante discreto, quem se aproximava vindo de qualquer lado; ou a reparar o traje das pessoas, ou inventariar; em segredo, de que se constituía a mobília de eventual vizinho em mudança. Servia de igual modo para avaliar a alteração do tempo, se de bastante sol ou sujeito a respingos.

Minha mãe sabia manejar o postigo como ninguém. Inacreditável como a pequeno movimento – e talvez a abertura não alcançasse mais que cinco centímetros – encontrava espaço suficiente para vigiar o comportamento dos meninos que brincavam na calçada. Pela frecha aberta, a que tudo captava, fluía também a caridade em forma de esmolas principalmente nos dias da Semana Santa, quando de costume o desfilar de pessoas peticionando jejum.

Fechados os postigos, quais rótulas – cujas réguas da tabuleta eram fixas – iam acrescentados os rudimentos de segurança do lar; a começar da porta de tábuas fingindo um único pano, e segura por travessas,(3) de madeira em ressalto.

Depois de cerradas não faltava a ação da trance, robusta trave de madeira que se encaixava, à noite, em nichos de ferro fixados em cada um dos portais, travando-lhes o movimento de abertura. Não se conhecia, ou pelo menos o uso não se generalizara, as fechaduras de cilindro, pois prevaleciam as comuns, com duas voltas ou até três voltas de chave. Nas casas de parede e meia (como vem ao cave) o risco tinha o mesmo desenho: fachada altanada, platibanda e descida da água da chuva por jacarés, o que perdurou até vir a tubulação de flandre pintada de vermelho, ex-

posta: sala de visita na frente, corredor adentrando, a distorcer rente a dois quartos, o do casal e outro onde se criavam as crianças. No último, portanto o segundo, abria porta para a sala de jantar; ambiente aonde ia desaguar o fluxo do corredor.

Depois da sala vinha pequena área (remota sugestão de copa) onde a dona da casa podia demorar com mais tranqüilidade a ver o caimento do telhado que se amparava em colunas de comum cilíndricas, improvisando um alpendre, em cujo cimento da mureta, de um metro e vinte de altura, entre colunas, recebia jarros de plantas (como se verá melhor por diante), toalhas de banho, postas a secar; ou pratos de doce, recém-saídos do fogo, que demoravam esfriando...

Nessa seqüência, a alpendrada ora relatada seguia faceando a dispensa, a cozinha e o quarto de banho. Esse repartia-se ao meio: na mesma peça de um lado o chuveiro de metal amarelo, e do outro o vaso sanitário com o sistema de descarga em ferro fundido, a caixa d'água sustentada por dois aparadores também de ferro fundido, a dois metros de altura, e acionada a correntezinha (vivia se rompendo), tendo na extremidade, para promover a descida da água) uma espécie de pêra de madeira. Por economia, a iluminar os dois lados o fio elétrico pendente com lâmpada de 15 velas, rendilhada de cocô de mosca.

## A Casa e Suas Coisas – II

Dois os ônibus: "São Paulo" e "Rio de Janeiro". A novidade: tinham rádio a bordo para os passageiros, um som meio fanhoso mas gostoso de ouvir. Tocava a PRE-9, enquanto estudantes, como eu, aos sábados, rodavam pela cidade. Tempo de ver as casas elegantes do Benfica. Não eram muitas, mas dessas, nas proximidades da reitoria da UFC, duas; os telhados acumeados, altos, telhas tipo marselha. Telhado que não pedia chuva, queria neve.

Por outros bairros, a esses dias dos anos trinta querendo entrar na década de quarenta, alternavam-se algumas residências desse tipo e incorretamente denominadas bangalôs,.

Casa de boa presença, convenhamos, lembrada nas conversas, e letras de sambas, e em deboches, e até mesmo na literatura da província – como se pode ver ao romance "Ponta de Rua", de Fran Martins. Mas casa de quem tinha dinheiro, posição. Muito longe da realidade de quem morava parede e meia...

Depois do passeio no ônibus, toca a voltar para o número 90, o de nossa casa na Rua do Imperador. E já vem hora, outra vez, de acrescentar uns tantos detalhes, as "coisas" da casa como o forro de pano emoldurado e cruzado de taliscas de madeira, em forma de xadrez, e pintadas de azul colonial. Era enfeite e proteção contra os ciscos que podiam cair do telhado, mas bastante vulneráveis a estragos pelas chuvas.

Quando chegava a estação das águas, uma tragédia.

Espírito cruel, alma perversa, naturalmente etérea, punha goteiras que manchavam todo o seu pano caiado (de algodão zinho, o tecido não de raro aproveitado a sacos vazios de farinha de trigo). E mal começava a chover nasciam pratadas borradas de amarelo encardido nesse plebeu mas imaculado forro, algo a lembrar ostensivo xixi de vaca.

Meu pai nem olhava para o alto. Ignorava o desastre, enquanto eu me distraía contando o número de goteiras. Bastavam três ou quatro para arruinar aquele possível conforto doméstico...

As águas de todo o universo pareciam também correr pelas calhas e bicas de toda ordem que existiam nesse tipo de residên-

cia. Desciam rumorejantes do telhado (a coberta de duas caídas, uma para a rua e outra para o fundo do quintal...) e vinham juntar-se em receptáculo (espécie de bacia) que além de amortecer o jorro, distribuía-o dividido em dois desaguadouros. Aí, exatamente aí, vinham parar todos os gatos da cidade para encontros amorosos, rumorosos e amplificados com a cumplicidade do flandre.

A rua era batida de sol, mas não tardou postura municipal a exigir clarabóias, de preferência entre o primeiro e segundo quartos das casas. Perpetrou-se muito mostrengo em nome dessa fruição luminosa, mas meu pai resistiu o quanto pôde. Reclamava ter pintado a casa para a "entrada do ano", e de cambulhada mudado o rodapé das paredes, listra de mais de um palmo pintada antes de alcatrão; que diziam evitar baratas e cupins.

Estava-se muito longe dos dias de rodapés de madeira, de alumínio. Ou sem nada. Em algumas casas havia-os até na parede da fachada.

## A Etiqueta do Nojo

Tinha-se medo de alma, mas não de quem morria, a viajar para Deus. Ir a enterro, fazia parte da etiqueta do nojo. Botar luto, usar fumo (tarja preta, espécie de cretone), ao redor do chapéu – em se tratando de homem –; na lapela e até abarcando o braço esquerdo, à altura do coração. E gravata, acrescente-se, também retinta, derradeiro sinal do sentimento humano exteriorizado, a se descartar às vezes depois de um ano como em meu caso, quando perdi o tio-pai que me criou tal qual a um filho.

Isso foi entrando na era dos cinqüenta, tempo já diferente, que antes, pelos anos trinta e quarenta, o pesar em família obe-

decia a regras especiais a partir do estacionamento do corpo na sala de visita (os enfeites apartados dali), passando pelo ritual medievalesco de os parentes, retornando do cemitério, entreterem o sofrimento tomando café ou chocolate. Depois da visita de cova, assim denominada, a família reunia-se outra vez; novamente o chocolate forte, quente, acompanhado de bolinhos feitos em casa.

Certo do desenlace de pessoa amada, tocavam-se os acertos para a aquisição de tecidos e conseqüente elaboração do indumento do luto. Este, adiante-se a tempo, fechado por três seguidos meses e aliviado por outros três seguidos, o que significava não ser necessariamente escura a roupa ou o vestido daí para a frente. Nas mulheres as roupas não deviam ser claras, mas nostálgicas, isto é, sem ramagens e coloridos.

A casa, por alguns dias, geralmente por uma semana, mantinha-se de postigos cerrados. Os ruídos, atenuados. Nem mesmo na cozinha consentia-se a batida de talheres e panelas.

Em algumas casas, por essa ocasião, queimavam-se palhas bentas, aquelas que se iam receber à Igreja, em dia da Semana Santa, e alguém as guardava prelibando hora grave de desconcertos.

O fumo (a tal tarja preta...) subia até aos retratos que porventura restassem pelas paredes, o tecido funéreo pespegado, de través pela testa do falecido. Em muitos lares quadros maiores, com fotografias, iam desapeados das paredes, principalmente se num ou noutro morto aparecesse rindo.

Não tardava, dependendo das afeições da família com algum literato reprimido, a publicação de algum doloroso soneto, vezo que vinha já, esmorecente, do século passado, quando esse

tipo de exercício beletristico animou a sociedade. Repetiam-se ainda os versos de Nunes Weyne, da poesia “O Cemitério”:

> “Nem um beijo de amor nem uma só risada,
> Fazem-se ouvir dos brancos mausoléus...”

Essa dolorosa semântica ainda perseveraria pelos anos sessenta, quando se tinha pelas páginas de “O Povo” (depois pelas do “Correio do Ceará”) as crônicas de saudade escritas pelo meu conterrâneo, o cronista Caio Cid (Carlos Cavalcante). Mas nada comparável, naturalmente, ao sonetismo lacrimoso, desvairado, vigente pelo primeiro quartel do século...

Passada à missa de sétimo dia, os de casa se preparavam para receber as visitas de condolências Estas partilhavam o sentimento de dor, apresentando-se vestidas de roupas escuras...

## A Família e a Bodega

A família por esses dias gravitava em torno do interesse comercial de três estabelecimentos: venda, bodega e mercearia. Venda, pequeno ponto de negócio, onde se vendiam suprimentos de dispensa em modestos “mercados”; bodega, lugar aonde iam as donas de casa adquirir cereais, querosene (não vendido à noite), enlatados (o recipiente da sardinha trazia sempre chave de abrir), queijos chamados do sertão, idem de bola ou do Reino, encapsulados em lata vermelha, bebidas para homens (aguardente e quinados ),além de frutas da estação, arrumadas sobre o balcão, tudo em improvisado tabuleiro.

Aí não faltava a barrica de bacalhau, por esses idos “comida” de pobre. Custava pouco e acudia a quem não podia comprar car-

ne verde. Já contei antes mas vale mencionar novamente. Minha mãe ao mandar a Raquel, a empregada, às compras, recomendava:

– Deixe os fregueses saírem pra pedir o bacalhau. Seja reservada.

E a mercearia? Bem, vamos dizer, bodega metida a importante. Geralmente ficava nas imediações da Praça do Ferreira. Chamava a atenção pela variedade de comestíveis importados: manteiga, queijos e vinhos. Não vendia feijão, nem farinha, nem milho. Mas se destacava na oferta de farinha de trigo, de leite em pó (enlatado naturalmente) e de "finos" – como ia alardeado biscoitos estrangeiros.

Havia a Casa São Thomaz (Praça Capistrano de Abreu, 169), que punha anúncio no Almanaque do Ceará, avisando possuir "*stock* permanente da afamada manteiga "Diamantina", "variado sortimento de bebidas estrangeiras, doces, conservas, biscoitos e gêneros alimentícios de primeira qualidade..." Os preços? – "Sem competência."

Família de classe média abastecia-se em bodega. Compra em mercearia só pela quadra da Semana Santa ou nas proximidades do Natal. Duas as modalidades de negócio: a dinheiro ou "na caderneta", o que significava fiado, pagamento por quinzena ou mensal. Quando a empregada demorava junto ao balcão, podia-se aguardar que ela acabaria dizendo para o dono da bodega:

– "É pro senhor botar no caderno..."

Moça de família não freqüentava bodega, que ali iam parar desocupados e muito freguês de beber encostado ao balcão, pois quase todas as bodegas mantinham apreciável estoque de aguar-

dente (as garrafas ficavam visíveis, mas por trás de uma proteção de taliscas entrelaçadas). Em bodegas mais freqüentadas existia um "reservado" onde os homens (e nunca mulheres) podiam beber aperitivos, protegidos dos olhares indiscretos, o que nem sempre impedia de os da rua ficarem sabendo do que acontecia.

Transitava por então uma metrologia toda especial. Desse modo podia-se comprar uma colher de café, outra de colorau... Um molho (um arrumado), por exemplo, de verdura, que cabia na mão... Alho se vendia em "mercados" de duas ou mais cabeças; pimenta do reino podia ser adquirida na modalidade de uma "mão", a valer uns tantos caroços metidos na concavidade da mão, não mais que oito...

Para meu gosto havia bolacha "fogosa" (um bolachão palatável mas meio dura) e caldo de cana, sendo o do dia, "garapa nova", ou do dia anterior; "garapa doida": e boiões de vidro, de pelo menos trinta centímetros de altura, aguçavam a atenção dos meninos com os tradicionais peixinhos, uns bombons coloridos, muito apreciáveis...

Em algumas bodegas encontráveis as deliciosas mariolas, mais de goiaba que de banana, acondicionadas em palha seca de bananeira...

## Os Móveis

Em moda por então – são os anos trinta – usar na sala de jantar um suntuoso (não encontro outro adjetivo) móvel composto de duas partes; na inferior demorava lugar para guardar pratos...; na superior – entre as duas armações de madeira bem trabalhada corria espelho que eu, para me ver nele, tinha de pular do chão – iam parar os "cristais

Sob esse designativo maroto reuniam-se cálices de duvidosa procedência inglesa, a licoreira de azul translúcido, e xícaras dos mais diversos tamanhos, todas disciplinadamente arrumadas de modo a se lhes ver os reluzentes fundos... A cristaleira, individualizada, ver-se-ia no final da década.

A mesa da sala de refeições era também grande, mas não solene. Nela a toalha de croché erguida numa das pontas quando se ia ferver o aparelho de injeção, sob advertência: "Fasta a garrafa do álcool, pega fogo!"

Sem toalha o móvel calhava próprio para a diversão de loto (meia-meia...), o bingo de hoje. Servia por igual para a costureira (dizia-se já "modista") orientar o aproveitamento das peças de fazendas, chamadas "cortes": "um corte de linho", "um corte de organdi..." O tecido previamente ponteado com carretilha denteada.

Sobre o madeirame com decalques afligidos pelo uso, desdobravam-se as folhas de papel de seda para o fabrico de balões de São João, enfeites de bolo etc.

Na sala de visita cadeiras de pau-cetim, em moda. Em cada canto um aparador vertical sustentando bojudo jarro de alumínio estampado que mais parecia sino de boca para cima.

E flores de papel, espaventosas, arte da dona da casa. E rejeitadas todos os anos em virtude dos sujinhos das moscas.

A tapeçaria resumia-se a dois tapetes de retalhos, ou de grossos cordéis trançados, e mais a inevitável almofada do gato. O resto, posso recordar; o Coração de Jesus e retratos dos mortos. A cortina, do corredor, dividida ao meio; tinha as abas arrepanhadas para os lados e cintadas por desbotada fita.

O corredor exibia um híbrido chamado estante; na parte superior; envidraçada, punham-se remédios, frascos, dois ou três livros; tesoura, alicate de cabo de borracha, para a troca de flisivel do registro (quadro) de luz... E mais papéis disponíveis para embrulhos; barbante, carretéis de linha 40; o aparelho de injeção, o espanador de penas, de passar nos móveis da sala.

No quarto a cama de casal perseverava protegida por colcha bordada em Maranguape; travesseiros socados de algodão da praia; além da penteadeira e o banquinho de sentar. A um canto do quarto o oratório de cedro, antes descrito. E no segundo quarto o guarda-roupa descomunal, capaz de estocar todas as redes, lençóis e roupas do mundo.

E na sala de visita, solene, impunha-se o porta-chapéus de espelho oval (bisoté). Nele o dono da casa pendurava seu chapéu de palhinha. E algum parente, como o tio Galileu, depunha a bengala de bater em cão e atrevidos.

## As Flores em Vasos de Qualquer Coisa

Por esses dias deste contar, em casas modestas como a que ora se descreve, todo vaso, assim mesmo dito, podia ser velha bacia, lata servida, cintada às vezes da papel de cor. E desse modo a dona da casa, como minha mãe, podia ter suas plantas de enfeitar.

Não se dizia decorar, decorar é palavra moderna, de hoje.

E as plantas de flor, muitas, nem cabiam nos seus lugares, esparramavam-se, fertilizavam a casa de cheiros agradáveis.

Vicejavam também pés de dália, e roseiras – algumas em único pé; e crótons, tudo ao lado do alpendre, favorecido de sobras d’água e sombra.

Vai-se ver pela mureta do alpendre eram eu-e-tu, caládiuns, umas tantas plantinhas de flor miúda, talvez até quebra-panela... E mais, por onde cabia e Deus mandava crescer, o riso-do-prado, as espirradeiras... E tinha de haver um pé de jasmim seria o tal do Pará? – para garantir a medicina dos entorses em pé. Mas era a flor do jasmim branco que minha mãe gostava de guardar pelas cômodas a perfumar roupa guardada.

Nem todo vizinho podia olhar planta. Nem flor. Tinha mulher de mau-olhado, dizia-se por então, que era ver florzinha colorida, alegre, para ela desmerecer-se de repente.

Em casas de gente de mais posses não faltava na frente um jardim bem cuidado, não de raro varinhas de marmeleiro enfiadas no chão e encarrapitada nelas as cascas de ovo, para evitar formiga...

Não tivemos por cá a influência mais civilizada, vivida pelos recifenses, gente que, como conta Gilberto Freyre em "Sobrados e Mucambos" (v.1,138), podia comprar às casas especializadas árvores e arbustos do estrangeiro e até "Rosas do Japão..."

Mas todos, pobres e ricos gostávamos de planta de flor. Deleite herdado aos nossos ancestrais de sangue misturado com o de hereges. Para Catherine Hall, que estudou o assunto, os homens vieram ao mundo para o cultivo de árvores e parreiras, tempo em que as mulheres ficavam sempre "responsáveis" pelos jardins, "numa associação natural entre a suavidade feminina e a perfumada delicadeza das flores."

Nas igrejas, contei antes, em momentos solenes a prática de atirar rosas sobre os fiéis... As vezes, por estarem as flores ainda em seus talos e espinhos, dava de acontecer ferir-se pessoa, uma ou outra donzela piedosa, fato que de certa feita irritou o poeta Juvenal Galeno...

Pelo século passado, na proximidade do assunto, levavam-se flores naturais a leilões de prendas . Assim aconteceria em 1891 – pelo menos é como leio ao "Libertador" do dia 7 de fevereiro daquele ano... O Sr. A. R Salgado (Alfredo Salgado?) arrematou, em favor dos escravos, um lindo (o lindo é por minha conta) buquê de flores naturais por 20 mil réis...

E poetas, mais próximos de nós, como Antônio Sales, não esqueciam a lembrança de rosas em sua inspiração:

"Folha a folha, de cúmulus ao meio,
Desabrochava a rosa do nascente..."

Mais perto de nossos dias, Carlos Acióli de Sá fez estes versos:

"Lembro os crótons de folhas multicores
E as dálias de corolas complicadas..."

Eu lembro tudo isso, de principal os cheiros que vinham do alpendre de nossa casa da Rua do imperador; o receio de entrar alguma visita de mau-olhado e acabar toda a felicidade de minha mãe, que marcava o seu manual de orações com borboleta branca, sob emoção e saudade.

As flores desse tempo seguem cheirando até hoje.

## O Retrato Posado

A um olhar e ver o retrato de minha mãe, que acabo de rever, remete-me à arte fotográfica dos anos trinta, quando perseverava, inteligente e caprichoso, o fotógrafo J. Ribeiro. Em moda o retrato posado sob as indicações cansativas: "Olhe pra mim" – "Não se move, agora" – "É só um instante " –"Assim vai bem, não se

mexa...” E entre uma frase ou outra de comando, a habilidade do artista: ora quanto ao direcionamento da luz artificial, ora fazendo correr, pelo alto de fal50 forro, como se fosse em palco de assombrações, umas tantas sanefas, as tais curtas ou longas, que, por debaixo de escamoteada clarabóia (entenda-se: telhado de vidro) deixavam passar a iluminação do sol, desejável.

É lembrança que tenho do ateliê (não se dizia estúdio, veio a começar do advento da Aba Filme), sim, do ateliê do J. Ribeiro, na Praça do Ferreira 220, lado sul, ao tempo em que porfiavam na fotografia Benjamim Angert, Foto Freire e Foto Sales.

Para trás, creio, já esfumados pelo tempo, os dias de trabalho de um J. A. Cordeiro que, em Fortaleza, antes do final do século, preparara o retrato da poetisa Francisco Clotilde, expressiva redoma em que se tem a escritora de laçarote ao pescoço e assustador penteado qual boina enterrada na cabeça. Em melhor feição Maria Lou, de Sobral, em foto de N. Olsen, arte fotográfica também do século passado.

Falava-se por então: “Vou fazer um postal”, a tal foto de ateliê, que depois, como no caso de minha mãe que me criou, serviu de modelo para a ampliação em sépia então em moda, praticada em papelão rígido (seria madeira?), com a efígie recortada e amparada por delicado apoio de madeira, próprio para restar em móvel.

O “Mmanaque do Ceará”, de 1930, reúne três belos trabalhos fotográficos dessa época, arte de J. Ribeiro; de “Miss Ceará”, Maria Nazareth da Silveira; Berenice Moraes, “fada maravilhosa da Praia de Iracema”, eleita “Miss Fortaleza” e Valkyria Rodrigues Peixoto, filha do Presidente Matos Peixoto. São “perfis artísticos”, como define a publicação, “bicromados em papel “couché” nas oficinas gráficas da revista carioca “O Cruzeiro”...

Na oportunidade e no mesmo lugar reproduzidos trechos de estudo escrito pelo próprio fotógrafo, “Pedagogia Estética”, onde se vai ler, por exemplo, que o artista “deve procurar o sentido intimo das coisas, estudar a harmonia e a relação das partes com o todo, abranger as coisas em seu conjunto, enfim, generalizando, estudar os grandes fenômenos da vida universal”.

Pela Lei 343, de 25 de setembro de 1896, as casas de fotografias (ateliês) em Fortaleza, classificavam-se de primeira ou segunda classes para efeito de cobrança de imposto, pagando as primeiras 300 mil réis e as segundas, 200. Em 1936 a tributação operava sob o mesmo espírito, acrescentada a seguinte observação: “São de primeira classe as fotografias (ateliês) instaladas em prédios de valor locativo de 2:400 $000, anuais, acima...” Logo, pela privilegiada situação (Praça do Ferreira), J. Ribeiro sempre foi fotógrafo de primeira classe...

A especialidade de J. Ribeiro era postal, o retratado em redoma ou, só de raro, enchendo o espaço do papel. Por isso, creio, tirei o meu retrato, de seis anos, e o de primeira comunhão, no Foto Saies. O primeiro recostado a um tronco de árvore, arrodeado de ramos e flores. O segundo, de perfil, recebendo a partícula consagrada de Jesus Cristo, pintado.

Era de ver (e ouvir) tios e tias dizerem:

– “O Jesus parece de verdade!”

Sobrava pouco elogio para o menininho...

## Toalhas e Colchas e Mins Coisas

Não faltavam na casa umas tantas toalhas de todos os tamanhos, e de enfeitar. Havia as praticadas em croché, vendo-se por

baixo, quando cobrindo o móvel, e revelando a mais destaque os desenhos da trama, o tabuado de cor escura, eu quase dizia encardido. Não chegara ainda a moda dos móveis claros.

Toalhinhas em todos os lugares; pequenas, arredondadas, amparando jarros entesourados de flores de papel. Essas, geralmente feitas em casa, os arames das hastes enrolados de papel crepom.

De crepom, creio, tudo o mais: um despotismo de folhas verdes, de botões róseos, e florzinhas amarelas mas pintalgadas de cocô de mosca, como já referi. De papel as toalhas que serviam para forrar e enfeitar os "cristais". Algumas paciente-mente recortadas por minha mãe, a fingir uns bicos de passarinhos, lembrando uns bicos de tucanos e araras, e a diversidade de esferas a modo de alianças entrelaçadas.

A cama de casal passava o dia arrumada. Posta nela o que se nomeava por "colcha da diária", peça também substituída em eventos domésticos ou visitas. De muito bom-tom abrir a intimidade do lar, acessá-lo a pouca disfarçada curiosidade do visitantes. As pessoas iam recebidas na sala. Os "mais de casa" logo encaminhados para a sala de jantar, "lugar fresco" como alardeado, onde comiam o pratinho de bolo, e mais doce seguido de refresco. Bastante chique servir um cálice de licor, como rememorei antes. Guardanapos enormes, mas quase sempre feitos de tecido pouco absorvente, o que na verdade não importava muito. Valiam pela exibição e não pela utilidade.

Não faltava o abafador, peça de serventia doméstica feita em casa, e que nada mais era que uma espécie de chapelão bojudo, quase napoleônico, a desabar sobre o bule, para não esfriar o café. Em ambos os lados pespegados em ressalte uns apliques pespontados: flor vermelha (tinha de ser vermelha) ou cara de gato, os olhos de vidro, contas de algum rosário antigo.

As toalhas faziam parte, imagino, do que se convencionava por então por enxoval de “roupa branca”. Alvas, a ver toalhinha de igreja. Principalmente a que ficava no lavatório, esse demorando a um canto, todo de ferro, a compreender a bacia, o jarro de ágata, e a haste espiralada, bem erguida, tendo no ápice argola ou gancho em que se prendia a tolha de mão.

Servida a refeição, qualquer das do dia, vinha pousar na mesa um vaso de enfeite onde prevaleciam frutas de cera (pos50 admitir que eram horríveis!), a conceder espaço suficiente para a colocação de objetos que não se deviam perder.

A dona da casa já se levantava de quimono. E nesse traje passeava dentro de casa, as chaves da dispensa fazendo ruído no bolso. Além de facilitar os movimentos, punha quem o vestia sempre muito à vontade. Mas eram espalhafatosos, apresso-me a observar, de geral decorados com flores e passarinhos. Quando não assim, apareciam cheios de manchas coloridas, algo a lembrar lanterninhas chinesas, de papel.

Para ir à rua muito chique empunhar a sombrinha ainda que o sol não estivesse a ponto de molestar. Bonito exibi-la, importada, de procedência oriental. Na seda voavam também uns delicados e brevíssimos passarinhos.

Tinha gente só para consertar armações de sombrinhas, aspas emperradas de tanto abrir e fechar. Mas nada difícil de reparo. Os especialistas, que existiam par acudir em tudo, vinham à porta, da mesma maneira como o faziam os vendedores de santos, de folhetins, e os “galegos” da venda à prestação.

A listagem desses prestadores de serviços a domicilio era bastante alentada. Artesões para tudo. Chegavam à porta, em de-

terminados dias da semana, qual o sapateiro, o homem de soldar panelas, o amolador de faces... Esse era um espetáculo à parte, pois para alegria dos meninos punha a pedra de amolar a girar com maestria que até parecia artista de circo...

Até hoje essa fascinante pedra amola e gira, gira e amola.

## Pelos Anos Tinta...

Ao limiar dos anos trinta o aeroporto de Fortaleza situava-se na Barra do Ceará. Aí desciam os hidroaviões de carreira. A garagem Mazine (Praça do Ferreira, n$^{0}$ 38, lado sul) cobrava 10$000 de aluguel por hora contratada. Corrida (como se dizia por então) até a Aldeota, 5$000. Para Messejana, 20. Quarenta bondes de l.ª e 2.ª Classes, transportavam passageiros auxiliados por 16 ônibus. Carregavam por ano, como ocorreu em 1930, 11.812.246 pessoas.

Existiam mais de 100 refrigeradores domésticos (vaidosa estatística da época). A família e operário que falecia, sendo sócio do Centro Artístico Cearense (fundado em 1904) recebia da entidade 22$000 para cobrir as despesas de funeral.

Vicente Eduardo Espíndola presidia o Centro dos Retalhistas. Contava-se o prestígio de quem morria pelo número de automóveis que acudiam a formar o cortejo. Tradicional no carro do enterro a bandeira da Associação dos Merceeiros A Pan American Airways System (Panair) operava na Barra do Ceará com aviões anfíbios, tipo **Sikorsly** e hidroaviões **Comodore**, com capacidade de lotação de “22 pessoas além da tripulação.”

A Ceará Gás Company Limited desenvolvia a publicidade de seus fogões a gás assim como a de aquecedores ‘próprios para

banhos quentes ou momos". Tinha a "capacidade de 9 a 11 litros por minuto."

O Sanatório de Messejana – inaugurado a 1.º de maio de 1933 – sob a direção dos médicos J. Octávio Lobo, Pedro A. Sampaio e Lineu Jucá – descobria os bons ares da região (que diziam encanar uns ventos sadios que percorriam Mondubim até alcançar Maracanaú...). Os pacientes tratavam-se em "edifícios em estilo **bangalow**" dotados de "água corrente" (quente e fria), telefone. tomadas de corrente (elétrica) para aquecimento e "varandas individuais para cure de repouso."

Magnólia Cavalcante recebia a faixa de Miss Fortaleza 1930, e Alba Ferre ira levava a coroa de Miss Ceará. A fábrica Arakén – "a mais moderna do Estado"– anunciava seus principais produtos: "Sport-Tênis", "Arakén", "Diva" e "Bisca". No Pálace Hotel – o "mais conceituado hotel do Norte do País" – almoço ou jantar era servido por 7$O00. O Ramon jactava-se de ser o único restaurante, por esses dias, a atender a "freguesia ao ar livre." Valia-se de *slogan* próprio: "Indo a Fortaleza vá ao Ramon, mesmo" que chova...

31 parteiras atendiam o público feminino. Mais destacadas – se *dizia faladas:* Leotina Pontes, Júlia Cortez, Ernestina Pio Oliveira. Na lista das abnegadas servidoras da maternidade a presença do parteiro Ananias do Amaral Militão.

## Doenças, Remédios e Médicos

Duas as pessoas respeitáveis dessa época: o padre da paróquia (qual o Pe. Nini, do Patrocínio); o médico, de verdade o "médico da família", em nosso caso o Dr. Antônio Justa. O doutor sabia todos os segredos clâmicos, principalmente aqueles escamoteados, por pudicícia, ao próprio confessor também dos de casa.

Insidiosa a febre tifóide; a tuberculose entrava de rijo, seguida pelas enfermidades do aparelho respiratório. Por isso quem vinha do interior a demorar em casa de parente, certamente estava inserido no diagnóstico de enfermidade dos pulmões ou do aparelho urinário, não descartada a possibilidade de recidiva de algum caso de impaludismo.

Parente enfermo, do sertão, anunciava-se por carta ou telegrama da RVC. Desse modo, debaixo de tais avisos, a casa da Rua do Imperador, e antes da Rua General Sampaio, agasalhava vez por outra parente que "não estava passando bem."

Os de casa tinham mais cuidados, quer dizer, assistência. Como a gripe pegava forte à época (só em 1930 faleceram 206 pessoas em Fortaleza!) qualquer anormalidade nos resfriados exigia a presença do médico para ver o enfermo.

Para perto do corredor, próximo ao quarto do doente, deslocava-se o lavatório de ferro (já descrito antes), com água nova na bacia, toalha limpa (tirada ao baú de roupa lavada) e "Asseptol", sabão líquido. A mão, para emergências, o iodo, o aparelho de injeção, álcool (comprado à bodega), algodão, Magnésia Bisurada, o Sal de Fruta Eno, uns pós secativos (para ferimento em criança), peitorais (qual o de angico), beladona, Hidrolitol, pois saia mais em conta usá-lo que tomar água mineral Caxambu... Escondido em algum canto do armário de guardar essas coisas, o vidro, o terrível vidro do óleo de rícino, que para ser ingerido menino tinha de segurar na mão uma chave, apertando-a. Impiedoso e inquisitorial purgativo!

Por diante, relate-se a influência dos medicamentos importados da França, Suíça e Alemanha. Do último, a exemplo, os doentes podiam dispor do "Choreatyl", anestésico muito em moda,

assim como o “Cabiven”, recomendado para acudir os de veias quebradas. E não esquecido o poderoso “Trophil”, fortificante.

Pobre, nessas horas, ia mesmo de meizinha, de água serenada, a que se deixava ao relento, em vasilha, por uma noite ao relento...

Os médicos que anunciava aos jornais. à época: Dra. Maria de Souza Cavalcanti, especialista em partos e doenças de senhoras... Atendia na Farmácia Juliana. Já o Dr. Antônio Justa (conceituado leprólogo), morava na 24 de Maio, n.$^{0}$ 61, e dava consultas na Farmácia Teodorico. Na Pasteur, dentre outros, clinicavam: Leite Maranhão e Abdenago Rocha Lima.

Médico para despertar a atenção fazia especialização na Europa. Nesse caso o Dr. Octávio Lobo, que avisava munir-se de diploma obtido em “curso especial na Alemanha...

Agora para terminar, é repetir dolorido o pensamento de Antônio Bezerra: **Era o passado, passou**...

## NOTAS

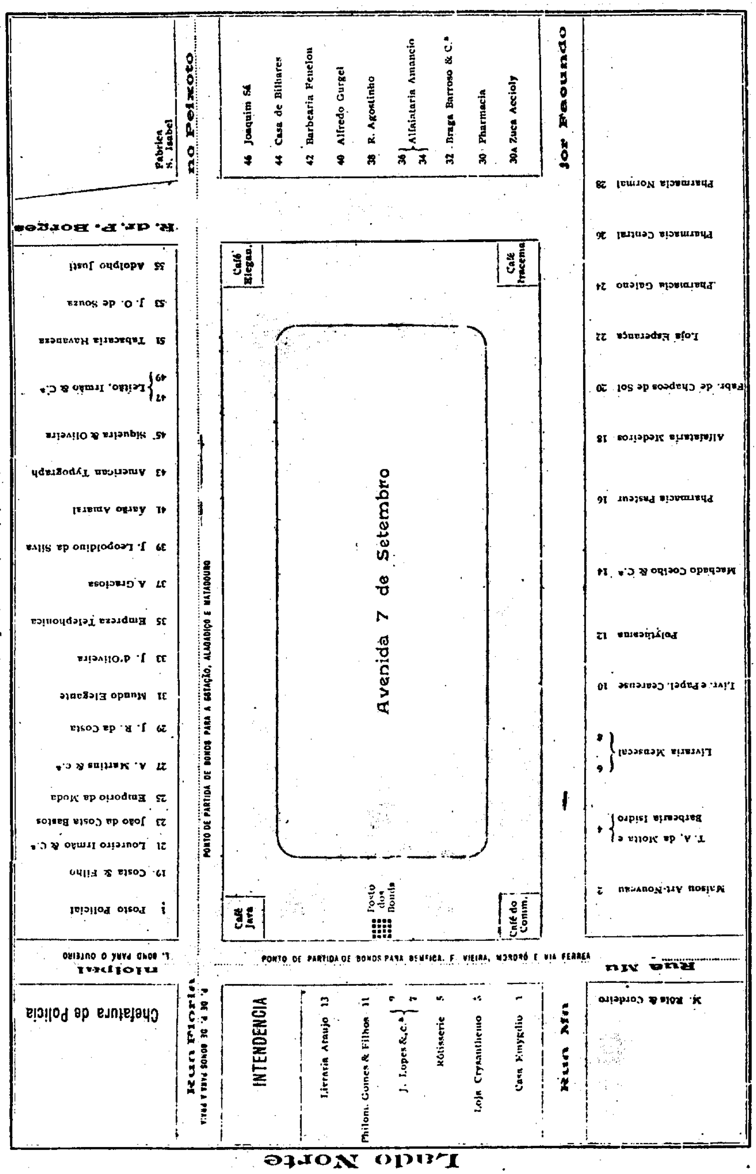

1. Girão, Raimundo Girão – "História Econômica do Ceará", Editora Instituto do Ceará, 1947.
2. Lisboa, Manoel Arrojado – "Introdução ao Relatório dos Trabalhos Executados no Ano de 1 922", Publ. N$^0$ 62.
3. Pompeu Sobrinho, Thomaz – "História das Secas", Col. Mossoroense, 1982.
4. Idem;
5. "Anuário Estatístico do Ceará", de 1926; Fortaleza.
6. Idem;
7. Idem;
8. Idem;
9. Anuário Estatístico do Ceará, de 1920; Fortaleza.
10. Idem;
11. Fernandes, Adaucto de Alencar – Relatório, Tip. Gadelha, Fortaleza, 1923.
12. Idem;
13. Anuário Estatístico do Ceará, de 1924; Fortaleza.
14. Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXVI, Ano LXVI, 1952.
15. Idem;
16. Idem;
17. Revista "Careta", Rio, edição do dia 09.02.1912.
18. Anuário Estatístico do Ceará, de 1919; Fortaleza.
19. Relatório do Dr. João Thomé de Saboya e Silva, Vol. II, p. LIII, Fortaleza, 1916.

20. Revista “Careta”, 1916.
21. Idem, edições de 02.12; 09.12.
22. Idem;
23. Idem, edições de 11.01.1920; 05.1920.
24. Miranda, Ubatuba – “Retrato de Fortaleza”, Fortaleza, 1954
25. Idem;
26. “Gazeta da Serra, de Ubajara, edições: 16.05.1925; 17.06.1925; 17.07.1927.
27. Idem;
28. Idem;
29. Idem;
30. Guerra, Otto – “Memorial das Secas”, Col. Mossoroense, Volume CLXIII, Mossoró, Rio Grande do Norte, 1961.
31. Idem;
32. “Unitário”, edições de 09.03.1912; 19.02.1913;
33. Revista do Instituto do Ceará, Inst. do Ceará, Tomo LXVIII, Ano LXVIII, Fortaleza, 1954.
34. Idem;
35. “Rádio”, número 24, Rio de Janeiro, 1924.
36. Revista do Instituto do Ceará, o.c.
37. Idem.

# ICONOGRAFIA

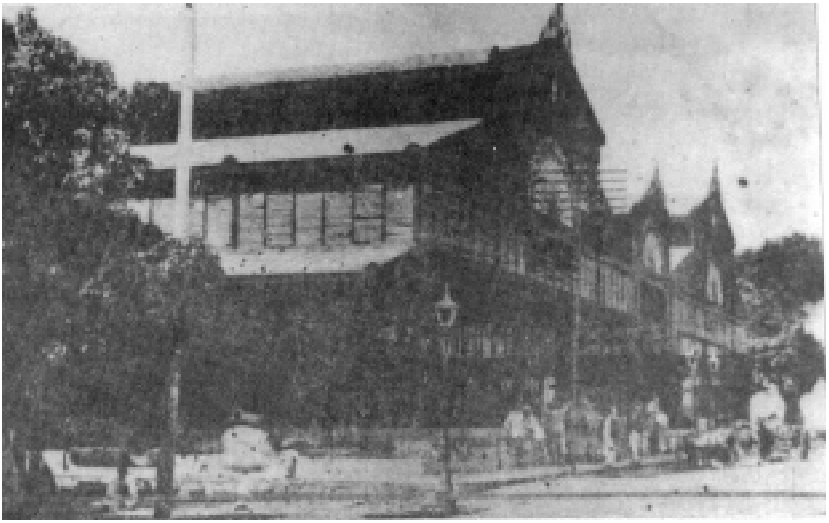
# ANNUARIO CEARENSE

## A PRAÇA DO FERREIRA

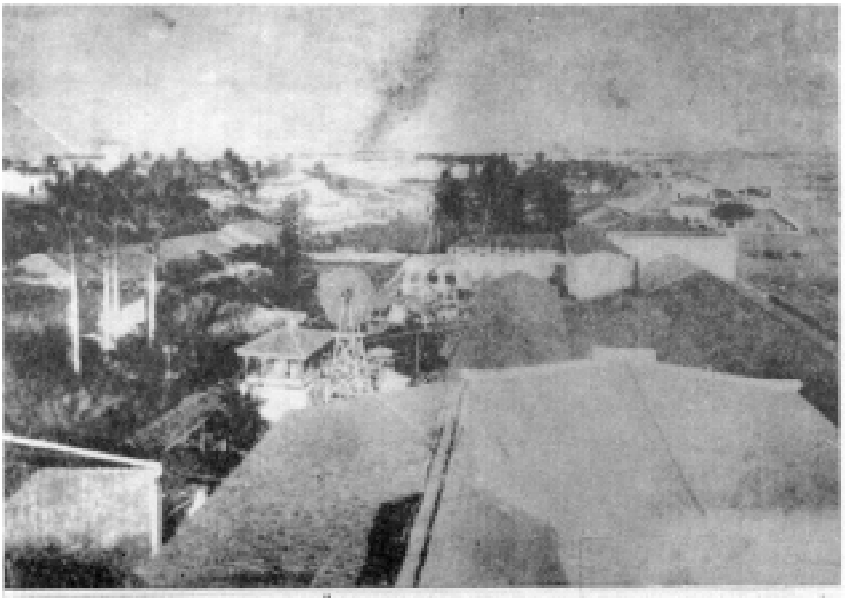


Outra vista da cidade em 1930. Ao maio o Excelsior Hotel e a Praça do Ferreira. Ao fundo a antiga catedral

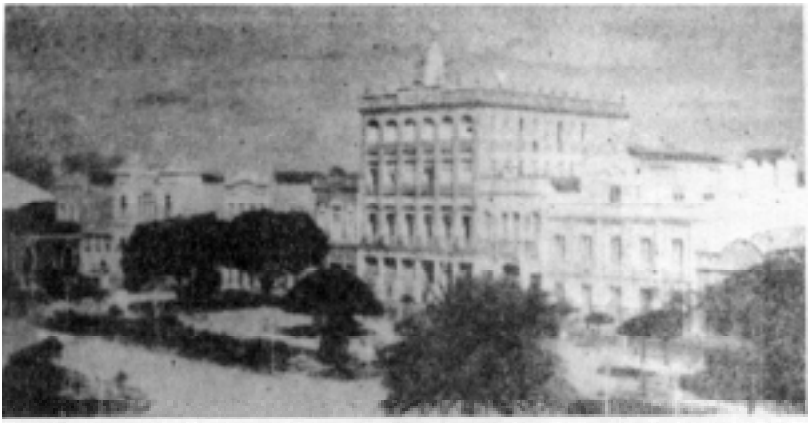
Foto dos anos trinta. A Sé, à esquerda. Ao fundo o Majestic e o Excelsior, em construção.



Antigo Mercado Público. Administração Guilherme Rocha, Governador Nogueira Accioly (1926).



Antiga foto da cidade. À direita a orla marítima, a começo do século.



A Praça do Ferreira (antigo Jardim 7 de Setembro, vendo-se o Majestic, o prédio do Politheama, de 5 portas de frente como se dizia no passado.

Edifício da Intendência Municipal. Praça do Ferreira.
Anúncio publicado no Correio do Ceará (1923).

A Estação Central pelo início do Século.

Orla marítima e o Farol do Mucuripe (1930).

Reclame, como se dizia no começo do Século,
publicado em UNITÁRIO, 1923.

Anúncio publicado no CORREIO DO CEARÁ (1923).